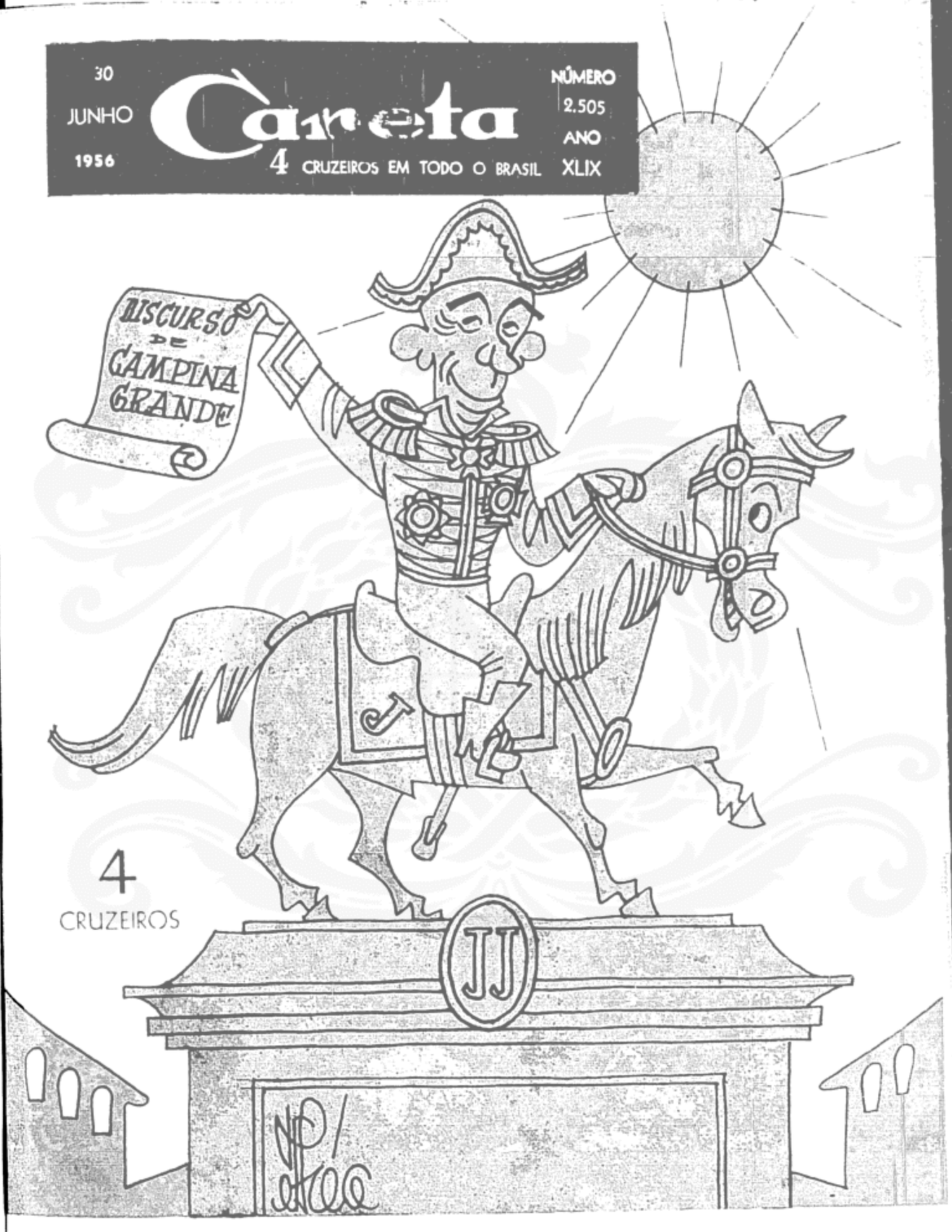
30 JUNHO 1956

Careta

4 CRUZEIROS EM TODO O BRASIL

NÚMERO 2.505 ANO XLIX



Grito de Independência ?

Requinte de Distinção

Objeto de sua estima e deferência, seus amigos merecem aquêle requinte de distinção que lhes é devido. Sirva-lhes, pois, algo que enalteça os momentos de tão amável convivência... a extrafina Brahma Extra - a cerveja que denota seu reconhecido refinamento e bom-gôsto.

BRAHMA *Extra*

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA **BRAHMA**

CAU-309

JORGE SCHMIDT
Fundador

Careta

ROBERTO SCHMIDT
Diretor responsavel

GERÊNCIA,
REDAÇÃO E OFICINAS
RUA FREI CANECA 383
END. TEL. KOSMOS
Rio de Janeiro
TELEFONIO 32-3721

Êste número contém 44 páginas

LOOPING the LOOP

C A' E L A'...

OS recentes acontecimentos na Argentina eram esperados, como os frutos naturais de regime de fôrça ou exceção.

Foi a violência que gerou a violência. Foi a honestidade que pôs ponto final à improbidade. Aquela se chama Aramburu; esta Juan Domingo de Perón.

A vida do peronismo no grande país vizinho e amigo é uma página negra da História daquele povo altivo e valente. Por isso mesmo ninguém podia compreender como nação tão briosa e viril se sujeita-se, durante anos e anos, a regime tão infame e degradante.

Ninguém, está claro, que lhe não conhecesse a origem e os meios de que se valia para subsistir ao natural asco que a grande maioria dos argentinos sentia pela podriqueira peronista.

Para nós, brasileiros, que vivemos sob o igualmente vil e tôrvo Estado Novo, tal sujeição encontrava explicação na impossibilidade em que nos encontrámos de rechaçar o getulismo, mantido no Poder, durante quinze longos anos, por tanques, canhões e metralhadoras.

A história do peronismo na Argentina muito de comum tem com a história do getulismo no Brasil. Nascido depois dêste, neste foi buscar a orientação e os processos. Perón costumava mesmo chamar a Vargas de *mi maestro* (meu mestre).

Portanto, quando se analisa o caso argentino, analisa-se, *ipso facto*, o caso brasileiro; do mesmo modo que, quando se combate aquela situação, combate-se igualmente a nossa situação.

Quando Perón tomou as rédeas do govêrno, gozava a Argentina de privilegiada situação. Suas reservas ouro, em conseqüência da II Grande Guerra, só eram superadas pelas dos Estados Unidos da América do Norte e pela do Canadá. Internamente o país estava próspero. Havia abundância de gêneros e a vida era fácil e barata. Em menos de dez anos Perón reduziu tudo isso a cacos. A Argentina é nação quase falida, saqueada e vilipendiada. A moral pública caiu no bueiro; a moeda quase não vale mais nada; a produção industrial, agrícola e pastoril reduziu-se consideràvelmente, em conseqüência das leis trabalhistas, copiadas do código brasileiro, o que deu origem ao considerável encarecimento do custo da vida; reina a anarquia em numerosos setores da vida nacional.

Getúlio Vargas

Foi nesse estado que o general Aramburu encontrou seu país, após o tufão peronista.

Mas os aproveitadores da desgraça daquela nação claro está que não se iriam conformar com a perda da mamata. Acostumados aos largos proventos do assalto, julgaram possível a retomada do Poder, para o prosseguimento da pilhagem. A tentativa falhou. Mais de duzentos dêles pagaram com a vida a trágica aventura.

Agora, livre da lepra peronista, a Argentina poderá dedicar-se ao trabalho profícuo, sem receio de que o fruto dêsse trabalho venha a ser desviado para os bolsos do militar ambicioso e do politicoide ladravaz.

Bob

Maldita Matemática!

Arcádio Iverchenko

O PROFESSOR de Matemática ditou aos alunos um problema: consultou o relógio e concedeu vinte minutos para a solução.

Um dos rapazes, Semen Pantalikin, limpou no cabelo os dedos cheios de nódoas de tinta e murmurou:

- Estou perdido!

Semen Pantalikin, fantasista por temperamento, gostava de dramatizar os acontecimentos, por mais triviais que fôssem.

Se algum condiscípulo, mais forte do que êle, experimentava dar-lhe uns sôcos, Semen Pantalikin empalidecia intensamente e, como se a morte adejasse já sôbre sua cabeça, murmurava, trêmulos os lábios:

- Estou perdido!

Se o professor lhe dava nota baixa, por não saber a lição murmurava, com o sangue a gelar-lhe nas veias:

- Estou perdido!

Se, à mesa, entornava o chá sôbre a toalha, mummurava, com o sangue a gelar-lhe nas veias:

- Estou perdido!

Naqueles momentos trágicos da sua vida infantil não o ameaçava perigo maior do que receber um par de beliscões. Aparecia, porém, imaginar-se a contas com situações insolúveis, e a frase "estou perdido!" soava-lhe a exclamação heróica.

Tinha lido essa frase numa novela de Mayne-Reid, cujo protagonista a empregava em circunstâncias verdadeiramente pouco invejáveis: ao subir a uma árvore para se salvar de uma inundação e de um ataque dos peles-vermelhas, via, de súbito, na mesma árvore, um tigre disposto a saltar-lhe em cima, e, como se isto não fôsse bastante, rodeavam o tronco inúmeros crocodilos e lá vinha um raio incendiar-lhe a ramagem. Em tais circunstâncias justifica-se bem que o protagonista gritasse: "Estou perdido!"

Semen Pantalikin tinha que resolver um problema, dos mais difíceis que têm sido propostos a uma criatura humana. E só lhe concediam, para o resolver, uns tantos minutos. A situação, na realidade, era desesperadora.

Vejamos o enunciado do problema:

"Dois lavradores saíram do povoado "A" em direção ao povoado "B". O primeiro anda 4 quilômetros por hora e o segundo 5. O primeiro saiu um quarto de hora depois do segundo. A distância entre o povoado "A" e o povoado "B" é igual ao número de rublos que se ganhariam vendendo, à razão de 50 rublos, 10 tonéis de vinho que custaram

Preparando a fechada

— Que leva, você, aí?!
— E' a dentadura da maninha! Ela vem já!

tantos rublos como de dias somam os sete primeiros meses do ano de 1888. O primeiro lavrador saiu às 5 horas e 7 minutos da manhã. A que horas chegará ao povoado "B" e quanto tempo depois do segundo lavrador ?"

Lido e relido o problema, Semen Pantalikin murmurou:

— Estou perdido ! Um problema assim em vinte minutos !

Consumiu três em aguçar a ponta do lápis e dois em fazer a dobra à folha de papel em que deviam brilhar as suas faculdades matemáticas. Depois adotou a atitude meditativa de um sábio alemão absorto numa investigação científica.

O problema era demasiadamente abstrato para êle, que preferia as imagens concretas. Começou por se interrogar: "Que é isto de lavradores "primeiro e segundo ?" Aquela desembaraçada nomenclatura nada lhe dizia ao coração nem à fantasia. Por que não haviam de dar-lhes nomes humanos ? Chamarem-lhes, por exemplo, João e Basílio talvez tivesse sido prosaico em excesso; mas, por que os não batizaram com nomes romanescos, como Guilherme e Rodolfo?

Ao atribuir-lhes nomes, os dois lavradores converteram-se, para êle, em seres reais, de carne e ôsso. Imaginou logo a tez de Guilherme curtida pelo sol, chapéu de palha de aba larga e desabada, cachimbo a fumegar entre os dentes. Rodolfo era homem robusto e envergava colete de pele de lontra.

Ambos marchavam caminho adiante, debaixo dos ardentes raios do astro-rei. Semen Pantalikin perguntou a si mesmo: "São conhecidos um do outro aqueles dois infatigáveis caminhantes ? Devem conhecer-se, porque figuram no mesmo problema. Mas, se se conhecem, por que não viajam juntos ? Seria muito mais interessante. O fato de Rodolfo andar um quilômetro mais, por hora, do que Guilherme não é razão para que viajassem separados, sendo bons amigos: Rodolfo podia encurtar o passo e Guilherme alargá-lo. Viajando juntos, defender-se-iam melhor, no caso de um ataque brusco de bandidos ou de feras".

Segunda dúvida: levariam consigo espingardas ?

Após breve vacilação, Semen Pantalikin respondeu à pergunta de modo afirmativo. E' natural que levassem espingardas. Ninguém empreende viagem sem armas. Há sempre que temer, nos caminhos, a agressão de bandoleiros ou das tribos selvagens. Até o povoado "B" os perigos seriam numerosos. Na região abundam aventureiros de tôda espécie.

O povoado "B" ! O povoado "A" !... Também aquela nomenclatura pareceu absurda ao estudante. Os sítios em que vivem,

(Continua na página 8)

Para sua elegância
e o confôrto dos seus pés...
MEIAS TWIN
– de espuma de nylon
As linhas anatômicas e as côres modernas das MEIAS TWIN satisfazem plenamente aos elegantes...
TAMANHO ÚNICO
BIQUEIRA E CONTRAFORTE COM FIOS DUPLOS
MEIAS TWIN
são resistentes, duráveis, econômicas.
um produto garantido pela
MeiasTwin
INDUSTRIA DE MEIAS ESPUMATEX S. A.
Rua 15 de Novembro, 228 - 1º
Caixa Postal 802 - São Paulo

O DIA DE JUIZO

O PROFETA Joel não mentira: Em dia e hora que ninguém previu, houve o Juizo Universal, no Vale de Josafá, perto de Jerusalém, entre o Monte das Oliveiras e o Calvário. Cada qual, no instante de expirar, prestara contas dos pensamentos, das ações, das palavras, e fôra encaminhado para seu destino, depois de ver a Terra abjeta de iniqüidade inundada pelas águas do Dilúvio Universal, as cidades execráveis de Pentápolis consumidas por chuva exterminadora de fogo e o Faraó teimoso, com as suas hostes, nas ondas do Eritreu... Aqui, milhares de israelitas idólatras, passados ao fio de espada; acolá, murmuradores picados por serpentes mortíferas; ora sacrílegos tragados pela terra, ora um povo de infiéis, errante nas areias do deserto... Mas, depois do juizo particular, havia que esperar muito mais: O Juizo Universal, isto é, o julgamento dos vivos e dos mortos, onde cada um ouviria a sentença pronunciada contra os outros todos.

Isto era sabido.

Bem o sabiam os serventes do Instituto de Anatomia, que não se descuidavam de pregar etiquetas às peças esparsas nos mármores, a fim de que, no dia do Juizo Universal, todo o corpo se recompusesse como um quebra-cabeças vivo, segundo a Escritura. Todos os corpos ressuscitarão, afirmaram-no católicos e cismáticos, hereges e judeus, muçulmanos e idólatras. Ressurgirão "in virus perfectum" — isto é: os aleijados recobrarão o prumo; os desdentados, o sorriso; os calvos, as madeixas; e as donas de pensão, hidrópicas, a linha etérea de bailarinas — "pois convém que o corpo seja julgado pelas obras que realizou em colaboração com a alma, na breve carreira mortal".

"Aproximou-se o dia de vingança e de morte, de angústia e de pranto, de cólera e furor, de calamidade e miséria, dia grandioso e sumamente amargo. Apareceram os sinais prenunciados pelos livros; terremotos horrendos e guerras cruéis; carestias prolongadas e pestes devastadoras. O Sol, coberto de luto, negou aos mortais a sua luz; a claridade da Lua tomou a côr do sangue. Caíram do Céu..."

(Não digo por meio de notas e algarismos árabes e romanos de que textos de Joel, Mateus, São Paulo, o abade Goume e Isaias extrai os fragmentos que ponho ente aspas, porque detesto quebrar a harmonia da página com o guisado das citações e abreviações: mas vocês sabem que eu não invento.)

Raiou o grande dia. Ao clangor das trombetas, abriram-se os sepulcros; as cinzas retomaram forma humana e emergiram dos monumentos, umas para a glória, outras para a abjeção eterna. E, nos quatro cantos da Terra, os anjos reuniram numa única hoste os eleitos dos dois hemisférios.

Em grande desordem mesclaram-se, pelo contrário, as almas lascivas e insaciáveis, escravas da carne, as que folgaram na volúpia da vida intemperanças da crápula, nos desregramentos dos sentidos; almas covardes que desabafaram o ódio impotente com as murmurações, as calúnias, os sarcasmos; os mestres da descrença, os magos, as pitonisas, os alquimistas, os cabalistas, os simoniacos, as cartomantes, as sibilas, os charlatães; os que conculcaram as leis, seguiram os heresiarcas, provocaram escândalos, urdiram intrigas, escreveram livros

infames, envenenaram com o exemplo, corromperam com a palavra, aturdiram com sofismas: os que venderam os amigos, despojaram os irmãos, perverteram as virgens, insidiaram as espôsas, escarneceram os sacerdotes, blasfemaram os mistérios, falsificaram as balanças.

No meio dessa desordem de vociferantes que se saudavam de longe, que acenavam uns aos outros, para chamarem um terceiro, ou seguiam com um olhar de ódio a hoste que subia, serena, cantando, sob uma luz rosada, à tribuna dos eleitos, o sr. Glycérine-Égalité (não adianta procurá-lo nos dicionários para famílias) era o único homem feliz. Os milénios passados no reino da Morte não lhe haviam alterado a personalidade; e, nesse despertar efémero por poucas horas, tornando a encontrar-se entre os homens que haviam recuperado o próprio corpo, o rosto, as roupas, êle soltou no íntimo tôdas as chamas da paixão, teve finalmente a alegria de verificar que o seu sonho de igualdade se estava realizando, ainda que fôsse só por um dia.

— Aqui, são todos iguais! — disse êle, correndo o olhar de águia pela turba tristonha.

Era um anarco-antimilitarista.

—◇—

Pouco antes de morrer, vidente e profético, aproximara-se dum soldadinho rosado e imberbe, simples e sereno como o céu das suas montanhas, e dissera-lhe:

— És uma das derradeiras vítimas desta Humanidade mal organizada. Tu, pobre soldadinho, o ínfimo da hierarquia, em quem se condensam tôdas as injustiças, todos os erros, tôdas as imperícias. Não te humilhes por ocupares o posto mais baixo. Orgulha-te de seres o menor: isto não há-de durar muito...

— Eu sei, eu sei — replicara o soldadinho, iluminando-se de contentamento, corado e exuberante. Vou ser promovido a cabo.

—◇—

No Dia do Juízo, o apóstolo interrogou os que tinham vindo depois dêle. Soube assim que o seu sonho não se realizara.

— Prisões?

— Cada vez mais aferrolhadas.

— Exércitos?

— Cada vez mais poderosos.

— Disciplina?

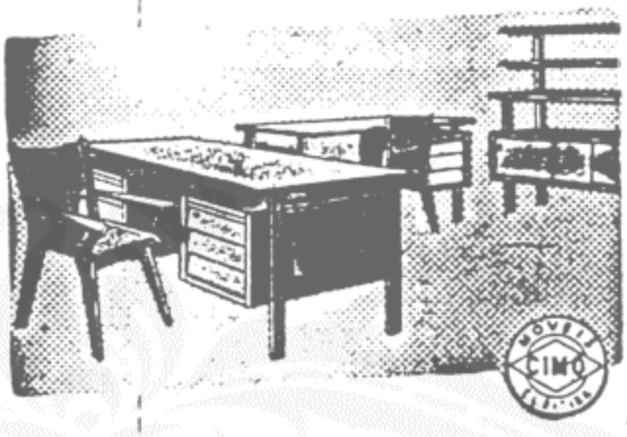
— Cada vez mais degradante.

— A verdadeira igualdade — prosseguiu Glycérine-Égalité — vemo-la hoje pela primeira e última vez na história do Mundo, só pelo espaço de algumas horas. Mas vê-mo-la. Estão hoje no mesmo plano o ricaço e o criado de taberna, o hipernutrido e o fanático, Napoleão e a sua ordenança, o escaravelho estercorário e a abelha que se abelera de lírios, as virgens e as rameiras, o leprosário e o instituto de beleza. A farsa das hierarquias acabou.

(Continua na pág. 30)

solicite o modêlo 9.600!

COM PÉS DE FERRO



MÓVEIS CIMO

MALDITA MATEMÁTICA !

lutam e sofrem os homens têm nomes e nunca se designam por letras frias e incolores. Uma coisa assim só podia ocorrer a um monstro, como o professor de Matemática, cujo cérebro devia conter serradura em vez de miolos. Por que não batizar aquelas povoações com os nomes de Melburne e Bombela ?

Ao receber o povoado "A" o nome de Melburne e o povoado "B" ao ser elevado à categoria de capital da Austrália, êles metamorfosearam-se, para o aluno, em duas cidades reais, efetivas, "visíveis". Sobretudo o povoado "B", que se encheu de casas de arquitetura exótica, com chaminés fumegantes, com gente que ia e vinha, apressada, por ruas e praças, com "vaqueros" e agricultores espanhóis, todos em robustas cavalgaduras.

Dirigiam-se a essa cidade Guilherme e Rodolfo.

Qual o objetivo da viagem ? Não o dizia o problema. Não se empreendem, contudo, viagens tão fatigantes, em dias de tão intenso calor, expondo-se as pessoas a bastantes perigos, sem motivo sério. Guilherme e Rodolfo eram suficientemente sensatos para, por mero capricho, arrostarem os prováveis ataques dos peles-vermelhas, dos bandoleiros e das feras. E tampouco se vai por capricho puro a uma cidade como Santa-Fé, ninho de bandidos, aventureiros, jogadores, ébrios e assassinos.

Também se tornava estranho, inexplicável mesmo, que Guilherme e Rodolfo fôssem a pé, possuindo em suas cavalariças magníficos cavalos, que se pagariam na Europa a pêso de ouro.

Aquela viagem encerrava, por fôrça, algum mistério. Quereriam êles descobrir os rastos de um bando de guerrilheiros que, dias antes, havia atacado uns vaqueiros pobres e pacíficos ? Talvez os guerrilheiros tivessem cortado as patas aos cavalos, para que Guilherme e Rodolfo os não conseguissem alcançar.

Além de que o fato de Rodolfo ter saído um quarto de hora antes de Guilherme era deveras suspeito. Por acaso o honrado tratador de cavalos desconfiaria de Guilherme ? O honrado tratador tinha em seu poder a chave da caixa em que se guardavam os célebres diamantes de Rinoceronte Vermelho, e talvez Guilherme projetasse roubar-lhos...

Iam passando os minutos e Semen Pantalikin sonhava, sonhava, intentando desentranhar o sentido oculto do problema, apoiando a cabeça, cheia de fantasias exóticas, na mãozinha manchada de tinta.

Em última análise, veja-se em que se converteu o problema sêco, sem alma, ditado a seus alunos por aquêle pobre professor de Matemática, completamente desprovido de imaginação:

"Antes do sol dourar as copas dos gigantescos "baobabs", dos pássaros das regiões tropicais despertarem nos seus ninhos, dos cisnes negros sairem dos enormes matagais de bambus australianos, Guilherme Bloker, o célebre ban-

(Continua na pág. 12)

Arrufos

— Não, minha filha, já não vou fazer serão. Podemos ir ao teatro...

Careta

Moderno Fixador
CABELOSAN
EXTINGUE A CASPA, EVITA A QUEDA
DÁ BRILHO, VIGOR E BELEZA
AOS CABELOS
Um produto das Indústrias Antisardina
LTDA.

Contos e Pontos

UMBERTO PEREGRINO

CHAMAMOS a atenção para as "Notas" do General Souza Doca à "Guerra com as Provincias Unidas do Rio da Prata", de autoria do Marechal Luiz Manoel de Lima e Silva, recente edição da *Biblioteca do Exército*.

As "Notas" são em tal volume que equivalem a um livro paralelo. Além disso, são de teor importantíssimo, pois focalizam, com autoridade, discutíveis ou obscuros aspetos de homens e coisas da campanha da Cisplatina.

: ✧ :

A turma de Faris Antônio Michaele continua fazendo pontualmente *Tapejara*, em Ponta Grossa.

O número de Dezembro trás estudos originais de Daily Luiz Wambier, Manoel Grott, João Alves dos Reis, R. F. Mansur Guérios, Eno Theodoro Wanke. De Faris Antônio S. Michaele vem erudito trabalho sôbre "Os Conhecimentos Astronômicos do Indio Brasileiro".

Postas com excelente poesia (Felix Aires, Antero Regis, Chico Ribeiro, José Bernardino dos Santos e outros) também figuram em *Tapejara*.

Inteligência e seriedade é o que ocupa essa publicação do Centro Cultural "Euclides da Cunha", de Ponta Grossa, de alto a baixo.

: ✧ :

O sr. Coronel Janari Gentil Nunes, atual Presidente da Petrobrás, com as credenciais da prodigiosa obra que realizou no Govêrno do Território do Amapá, é também escritor militar.

Nessa qualidade, de resto, está vinculado à *Biblioteca do Exército*, onde publicou o seu primeiro livro, *Bandeira do Brasil*, estudo de caráter cívico-histórico.

: ✧ :

A reedição da "História da Guerra entre a Triplice Aliança e o Paraguai, que a *Biblioteca do Exército* vai empreender, será feita sob os cuidados do Major Francisco Ruas. A competência e a probidade dêsse ilustre pesquisador de nossa História Militar responderão pela idoneidade da nova edição da monumental obra do General Tasso Fragoso.

O primeiro volume já está em fase de composição.

: ✧ :

Precioso serviço ficámos devendo a Antônio dos Santos Oliveira Junior, que localizou e promoveu a fiel reprodução daquele "Note sur la situation sociale des indiens du Brésil", de autoria do Professor Roquette Pinto.

Trata-se de monografia que fôra apresentada ao Congresso Universal das Raças, reunido em Londres, em 1911, mas era trabalho praticamente desconhecido dos estudiosos brasileiros. Oliveira Júnior foi descobri-lo no Museu Etnográfico da Faculdade de Filosofia da Universidade de Buenos Aires, e organizou nova edição, patrocinada pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios, de que é Secretário.

: ✧ :

Como faz falta Grieco, o impiedoso demolidor de medalhões e mediocridades!... Mas impie-

PORTA DE LIVRARIA...

Agora Sim!

ÁGUA COLGATE

para depois de barbear

PERFUMA
REFRESCA
TONIFICA

Use também CREME DE BARBEAR COLGATE

dosos também são êles quando nos ministram as suas produções... Por isso mesmo não nos compadecemos, antes nos desforramos na leitura de Grieco. Agora mesmo aí está, repleto de inteligência, bom humor e verdade, o volume número 7 das suas "Obras Completas — Carcaças Gloriosas", edição da Livraria José Olímpio.

: ✧ :

"Corpo de Baile" são dois volumes (Edição da Livraria José Olímpio) reunindo sete novelas da autoria de Guimarães Rosa.

Como cresceu o consagrado contista de "Sagarana", cuja volta já seria, em si mesma, tão grato acontecimento literário!

: ✧ :

R. Magalhães Júnior não pára. E' um livro atrás do outro. Ainda não arrefeceu o interêsse pelo seu *atômico* "Machado de Assis desconhecido" e já aí está o "D. Pedro II e a Condessa de Barral (Editora Civilização Brasileira).

Aqui também se "subvertem muitas imposturas biográficas". O nosso segundo Imperador apresenta-se ao natural, autenticamente humano, pois não haverá, positivamente, nenhum instrumento mais apropriado ao devassamento dos ciraturas do que a correspondência íntima.

À margem dos documentos divulgados, R. Magalhães Júnior oferece comentários e informações sôbre pessoas e coisas da época.

— ✧ —

RETIFICAÇÃO

Conta conhecida revista européia que o príncipe Rainier atingiu o ponto mais alto da sua popularidade. Seus compatriotas o adoram. Não sòmente porque êle lhes deu a mais graciosa princesa do Mundo, mas também, e sobretudo, por causa da solicitude que êle mostra pelos humildes. Encontrando, há dias, uma mulher rodeada por numerosos filhos, deteve-se para felicitá-la.

Que bela família! exclamou. Como seu marido deve estar contente!

A mãe dos numerosos filhos contraiu os lábios.

— Meu marido — respondeu — está morto há dez anos.

— Mas — arriscou o soberano — essas crianças são suas, pois não?

— E' claro que são minhas! — retorquiu a mulher — Meu marido morreu, mas eu não...

AVISO

Comunicamos ao público que em vista da extorsão que constituem as novas taxas e das descabidas exigencias do Serviço Postal, que obriga a abertura dos envólucros das revistas para verificar se não existem cartas no seu interior, resolvemos não mais aceitar pedidos de assinaturas, bem como sustar aquelas que estejam seguindo. Providenciaremos quanto à devolução dos saldos porventura existentes em nosso poder.

A GERÊNCIA.

UM BOM PENTEADO
ÓTIMA APRESENTAÇÃO

WELLA

Não esqueça êste preceito! Lembre-se de que os seus cabelos também podem realçar a sua personalidade.
Use, pois, pela manhã, o específico creme

WELLAFORM

e apresente-se sempre impecàvelmente penteado, com os cabelos brilhantes e protegidos.

WELLAFORM – *creme para pentear, à base de Kolestral*

à venda em tôdas as casas do ramo

MALDITA MATEMÁTICA !

dido, terror de todo o país, pôs-se a caminho. De quando em quando detinha-se breves instantes e observava as sombras espessas com sua vista perscrutadora. Só podia percorrer quatro quilômetros por hora, porque na noite anterior um inimigo misterioso, oculto por detrás do tronco de enorme magnólia, lhe trespassou a perna com uma bala.

" — Com mil raios ! — exclamou o bandido. — Juro pela pele do elefante sagrado dos bosques que, se encontro o miserável que cortou as patas ao meu cavalo !...

"Rangeram-lhe os dentes e a sua mão direita apertou, nervosa, o cabo do punhal.

"Rodolfo Couters, que se deixara adormecer enquanto vigiava, entre as árvores, a marcha do outro, despertou de súbito quando o bandido se encontrava a um quilômetro de distância e examinou, na areia da vereda, suas pegadas. Cravando nelas olhar severo, murmurou:

" — Hei-de alcançar-te, canalha, hei-de alcançar-te. Não estou coxo: cinco quilômetros a hora ninguém mos impedira.

"E começou a caminhar, encolhido como a fera que arma o salto sôbre a vítima, atras do bandoleiro.

"Bloker, ao ouvir passos, escalou, lesto como um macaco, o cimo de um eucalipto gigantesco e espiou, enquanto preparava a espingarda. O honrado tratador, que não podia vê-lo, continuou a avançar. Soou um tiro. Rodolfo caiu de costas, mortalmente ferido no crânio.

"Guilherme soltou uma gargalhada diabólica."

Decorreram os vinte minutos.

As palavras do professor de matemática retumbaram como um trovão aos ouvidos de Semen Pantalikin.

— Já acabaram, meus senhores ? perguntou o professor.

Semen Pantalikin, a que horas chegou cada um dos dois camponeses à localidade "B" ?

O pobre estudante sentiu o veemente desejo de dizer que havia chegado um apenas, porque o outro ficara no caminho, dormindo o sono eterno, à sombra de um eucalipto; não o disse, porem. O professor teria pensado que ele enlouquecera, e os restantes examinandos ter-se-iam rido a bandeiras despregadas.

Não pude resolver o problema... Faltou-me tempo — balbuciou o admirador de Mayne Reid.

Você não teve tempo ? Hein ? Bem, meu querido menino ! Repetirá o curso de Aritmética e Álgebra.

Estou perdido ! — murmurou Semen Pantalikin. — Meu pai dar-me-á uma sova em vez da espingarda prometida. Maldita Matemática !

Precaução

—A senhorita não precisa voltar depois do almôço. D. Genoveva fará seu serviço...
— Ah ! E' verdade. Hoje é dia de sua senhora vir ao escritório...

Careta

VIDA

O homem que mais tem vivido não é aquêle que conta mais anos, e sim aquêle que mais tem sentido a vida.

J. J. Rousseau

Preparando-se para o Sucesso...

ÓLEO DE LAVANDA LEVER

No cabelo você tem o ponto mais alto de boa aparência... e com boa aparência você tem sucesso! Cuide do seu cabelo com Oleo de Lavanda Lever, dando-lhe vida, brilho e beleza. Oleo de Lavanda Lever mantem o penteado na posição desejada, perfuma com a legítima lavanda inglêsa e mais evita a caspa e impede o ressecamento do cabelo. Puro e contem lanolina super refinada.

TRICAS E FUTRICAS

Uma das peculiaridades mais tristes do caráter brasileiro é sua habitual debilidade diante da ação corrutora do Poder. O Poder, entre nós, possui o sortilégio sutil de enfraquecer e desgastar moralmente os homens, corrompendo-os, arruinando-os, deteriorando-os. E não é preciso chegar ao Poder para sentir-lhe ou sofrer-lhe essa terrível ação corrutora. Basta desejá-lo.

Juscelino Kubitschek

Tivemos há pouco um exemplo disso na corrida em que nalguns Estados, se empenham certos políticos para a conquista dos respectivos govêrnos, utilizando para isso os processos mais lamentáveis. E a corrida para a Presidência da República? Ah! que melancólicas recordações! Agora, instalados há alguns meses os eleitos no Poder, o que vemos é ainda um triste espetáculo: a luta pelos postos, pelos empregos e, o que é pior, pelos bons negócios. Todos querem é aproveitar! Quando se lembrará afinal essa gente de que o Brasil existe? E' preciso urgentemente pensar nesse grande esquecido: o Brasil... Mesmo porque a continuarem as coisas como vão, qualquer dia dêstes o Brasil acaba — e não fica ninguém para contar a história. E' essencial que essa gente tenha juizo. E, se isso não fôr possível, que tenha ao menos vergonha. Em todo caso, o indispensável é que tenham vergonha e juizo — por simples instinto de conservação...

Jango Belchior

: ✧ :

Depois dos impactos emocionais que abalaram a opinião nacional nos últimos dias, só nos resta agora adotar uma atitude serena e firme de confiança, resoluta coragem e prudente lucidez para evitar que o País resvale para a desordem e o caos. Estivemos a pequena distância da anarquia: o quebra-quebra dos bondes e a violenta repressão policial mostraram com nitidez o que poderá vir a ser o espetáculo da vida brasileira, se não tivermos um pouco mais de bom senso. Os rumores subterrâneos da agitação popular têm um secreto conteúdo de advertência, que é prudente não subestimar.

: ✧ :

O candidato mais forte e mais simpático à substituição do sr. Álvaro Lins na chefia da Casa Civil da Presidência, é o sr. Tancredo Neves. O sr. Cirilo Júnior foi um simples boato passadista: o desejo de ressuscitar os mortos...

Cirilo Júnior

: ✧ :

Acaba o sr. Vieira de Melo de sofrer uma grande desfeita: o sr. Juscelino baixou decreto mandando fechar a Liga de Emancipação Nacional, da qual o líder da maioria era um dos dirigentes. O sr. Nereu Ramos, desta vez, lavrou um tento.

Nereu Ramos

: ✧ :

Estiveram no Rio últimamente quatro governadores: Jorge Lacerda, de Santa Catarina; Dinarte Mariz do Rio Grande do Norte; Paulo Sarasate, do Ceará; Muniz Falcão, de Alagoas. O sr. Balbino não conta, porque êsse vive no Rio. A gravitação dos Estados em tôrno do Catête é o fenômeno que isso representa. E o mais interessante é que três dêsses governadores, que estão girando na órbita do Catête, foram eleitos pela U.D.N.: Dinarte Mariz, Paulo Sarasate e Jorge Lacerda...

Dinarte Mariz

: ✧ :

Ficámos sabendo de uma coisa que ignorávamos: o sr. Jânio Quadros só enxerga por um ôlho. Os operadores ingleses consideraram irrecuperável uma das suas vistas. E êle argumentou com o seu bom-senso:

Jânio Quadros

— Então não me opero: estou muito velho já para ficar mais bonito...

Como se isso fôsse possível. Mas a verdade é que enxerga mais por um ôlho do que muita gente que dispõe de dois. E' como o poeta português Camões, o grande zarôlho...

: ✧ :

Quando tôda gente supunha que o sr. Antônio Balbino ia assumir afinal o govêrno da Bahia e instalar-se no Palácio de Salvador, eis que o homenzinho arruma de novo as malas e muda-se para a Avenida Atlântica.

Diante da confusão geral, vejo "borocar" o "chefe" nacional: está "pacificando" a política brasileira. Como ridículo, não há nada melhor. Mas o sr. Vieira de Melo, atento e firme, está torpedeando a "pacificação" do sr. Balbino. E explica na Câmara:

Vieira de Melo

Era só o que faltava: o Balbino brincando de "Eder" nacional! Pacificar o Brasil... mas com que roupa?

O sr. Balbino, porém, depois de ter armado tenda no Catête durante vários dias, vendo que não conseguia nada com o sr. Juscelino, mudou de tática: voltou-se

Alberto Deodato

para os "líderes" do 11 de Novembro — e num S.O.S. desesperado convidou Lott e Nereu... para irem à Bahia!

— O' baiano sestroso! Comentou o sr. Alberto Deodato.

: ✧ :

O sr. Capanema, que é agudo e lúcido, considera como udenista-padrão o deputado Milton Campos: anti-demagógico, anti-golpista, austero e firme. Haverá maior elogio para um homem público?

Milton Campos

: ✧ :

Os baianos estão tão ansiosos por se verem livres do sr. Balbino, que já estão pensando no seu sucessor. E o nome que a todos acode, na Bahia, para o futuro govêrno, é o do atual Prefeito de Salvador — o sr. Hélio Machado, administrador dinâmico, democrata, popularíssimo.

Antônio Balbino

: ✧ :

O sr. Louirval Fontes, ao fazer um discurso no Senado, sentiu-se mal e recebeu socorros de urgência. Comentário do senador Ezequias da Rocha, que é medico e o atendeu na hora do fricote:

Louirval Fontes

— O Lourival teve uma simples intoxicação: intoxicou-se com as próprias idéias do seu discurso...

: ✧ :

O sr. Carlos Lacerda transferiu-se de Nova Iorque para Lisbôa. O exílio em Portugal é mais suave — e mais barato. Com o dolar a 86 cruzeiros só os amigos do govêrno é que podem morar em Nova Iorque...

Carlos Lacerda

: ✧ :

Confie na *ação vitalizante da*

ÁGUA DE QUINA PINAUD

para combater a

ANEMIA DOS CABELOS

Examine seu próprio pente!

Sim, seu pente lhe dirá que você não pode descuidar mais! Combata a queda dos cabelos, a caspa e a seborréia com a perfumada e revigorante Água de Quina Pinaud, que serve também para tôda sua família!

Torne seus cabelos mais firmes e resistentes!

Limpando rigorosamente o couro cabeludo, a tonificante Água de Quina Pinaud fortalece seus cabelos, deixando-os ainda mais brilhantes, mais sedosos... muito mais bonitos!

DOIS TIPOS À SUA ESCOLHA

1 Com óleo

A Água de Quina Pinaud, de fórmula francêsa, contém numa dosagem correta preciosos óleos vegetais, perfeitamente diluídos, sendo assim invisíveis. Por isso, fixa melhor... sem empastar!

2 Sem óleo

Se deseja beneficiar-se das propriedades tonificantes da quina com uma loção não-oleosa, use então a Água de Quina Pinaud - sem óleo!

Seu próprio barbeiro confirmará as excelentes virtudes tônicas da Água de Quina Pinaud!

PINAUD Paris Perfumistas desde 1810

9 003

"AMOR ETERNO" DA' NISSO...

— Amo-te... Amas-me.. Amar-te-ei sempre... Amar-me-ás eternamente.

Renato Lemos, dono de uma casa de flôres, e Joana Lameira, telefonista de um Banco, ambos na casa dos vinte anos de idade, por isso mesmo conjugavam o verbo amar em todos os tempos e com tôda sinceridade. Ignoravam ainda que o "sempre" dura algumas vêzes um ano ou dois... Às vêzes mais... Às vêzes menos... Mas jamais... sempre!

Pela tradição, o homem se cansa primeiro.

— Quando nos casamos? — perguntava sem cessar a apaixonada.

— Breve! — respondia êle com evasiva.

— Marquemos a data! — insistia ela.

Mais tarde...

Uma noite, Joana exclamou:

— Não me amas mais!... E havíamos jurado amar-nos por tôda a vida!

— Diz-se isso! — murmurou Renato, com ironia.

Mal havia pronunciado essas palavras, a jovem, pegando enorme faca de cozinha que estava sôbre uma mesa — a cena se passou no apartamento do rapaz — desfechou violento golpe no peito do falso amoroso, que gritou:

Ela me matou!

Ressuscitado devidamente, apresentou queixa e o processo foi instaurado. Ùltimamente a Dulcinéia foi intimada comparecer perante o tribunal para responder por sua ira vingativa.

— Esta moça é um perigo — declarou o ex-noivo — Além disso, seu gesto despertou em mim um complexo.

— Um complexo? — repetiu o juiz em éco interrogador.

— Sim... — confirmou Renato — Agora, não ouso mais fazer a côrte a qualquer mulher.

Por que?

— Porque tôdas elas querem que lhes diga que as amo por tôda a vida... Como isso não é verdade, receio encontrar alguma que, desta vez, pegue de um revólver... Por isso não ouso mais começar nenhum romance: é, positivamente, um complexo!

Joana, em lágrimas, dizia:

Quando prometi a Renato que era por tôda a vida... era verdade: meu amor é eterno!

O rapaz deu de ombros e declarou:

— Isso passa...

A jovem apaixonada foi passar uma temporada na penitenciária de Bangú... Talvez ao sair, daqui a alguns meses, esteja completamente curada do seu "amor eterno"...

Corpo inteiro

O vendedor — E' uma assadeira feita especialmente para uso dos canibais!

DEFINIÇÃO

A senhora Perle Mesta, ex-embaixatriz dos Estados Unidos deu a um jornalista inglês a última definição da palavra "lady":

— Lady é a mulher que atira na cabeça do marido a louça rigorosamente limpa.

Calma, querido . . .

de agora em deante terás GRIPPERS em todos os teus pijamas e cuécas! Assim, acabamos com este aborrecimento, porque essas pressões embutidas não caem nunca.

Os OCULOS do DIABO

Crônica de Lisbôa: por **Jorge Ramos**

Jornalista português

UM POETA DO SERTÃO

SE não fossem suficientes os vinculos históricos e a partilha da mesma lingua, ligando Portugal ao Brasil, como a um irmão mais novo, para compreender e sentir a sua alma, bastar nos-ia a chama de devoção que arde no coração de todos os portuguêses por uma das mais belas manifestações da sensibilidade brasileira: Catulo Cearense. A saudade com o seu acento lusiada, o conceito tão português da sentimentalidade, o fatalismo que salpica a indole aventureira da raça, o sabor meridional com que os portuguêses tornam arrebatada a paixão e palpitante o entusiasmo; a ternura que dir-se-ia a faceta mais especiosa do caráter português — tudo isto que no sangue Portugal traz como herança de orgulho e resignação, encontrou no espírito de Catulo Cearense mais do que um clima de adaptação, um éco fidelissimo. O poeta nasceu, viveu, amou e morreu no Novo Mundo, sem que deixasse de residir sempre no temperamento latino.

E' um sertanejo em cuja rusticidade encontramos o mesmo rastro dos grandes poetas que na terra lusitana deixaram uma obra feita com a voz do povo e para êle vivida. Mas não se trata de um trovador que passa com uma auréola efêmera de popularidade a dourar em quatro rimas a inspiração de um momento. Em Catulo êsse dom poético é tão excepcional que nunca o abandona, nem mesmo quando fecha os olhos para sempre às estrelas que canta: que êle continua a cantar, pois a voz do rouxinol há-de trinar eternamente na manhã em flor do seu lirismo. O esplendor verbal de Olavo Bilac, a inflexão parnasiana de Alberto de Oliveira, a vibração metalica dos alexandrinos de Emilio de Menezes, o vigor expressivo de Raimundo Correia, não ofuscam a glória de Catulo. Será outra a sua visão estética, diferente os moldes da sua escultura poética; mas é o artista que à elegância da imagem e ao equilibrio notável do ritmo comunica uma fôrça extraordinária de sugestão. Essa pujança tem um colorido particular que não recorre a vocábulos majestosos nem necessita expandir se em sutilezas. Por isso mesmo, contem no robustez que traduz o encanto do expontâneo, uma facilidade de improvisação, e uma frescura e uma suavidade, que não sei se podem ser ultrapassadas por outro qualquer poeta de gênio. Tudo é natural, humano, vivo, claro, na obra de Catulo. A construção dos seus poemas desenvolve-se sem artificios, tendo apenas por matéria plástica a música da rima. Um poeta da estatura de Catulo é sempre um caso de sinceridade e de sintese, dois elementos essenciais para o ato poético adquirir a rara fama da perfeição. A poesia é para Catulo uma virtude ingênita: germina-lhe no mais intimo do ser, floresce no seu amor pela humildade das coisas, e depois é êsse roseiral de ouro que lhe ilumina os sentidos. Corre-lhe então nas artérias a estranha volúpia casta de um deslumbramento. Descobre no próprio silêncio da Natureza uma voz timida dos primeiros rubores da aurora, as tintas maceradas do poente, os gestos do arvoredo, a cantata em lá menor das nascentes, o arôma cândido das flôres do mato, o violino em surdina do vento, tudo fala com Catulo numa linguagem que o poeta há-de reproduzir nas cantigas da sua viola

(Continua na página 33)

De Paris

✧

CHAMA-SE Gisele Robert a bailarina que aparece nesta gravura. Está ela pronta para aparecer em *O dia de uma estrela*, revista parisiense na qual tem que mudar de trajos dez vêzes em dez minutos. Se todos os trajos que tiver de envergar forem sumários como o que aparece na foto acima, ela não deverá ter que fazer muita fôrça para isso...

Maria José Cardoso, Miss Brasil de 1956

CONCURSO DE BELEZA

DECIDIU-SE, em Quitandinha, o Concurso para a escolha de Miss Brasil de 1956, a qual recaiu na representante do Rio Grande do Sul, senhorinha Maria José Cardoso.

O veredito do júri foi recebido sob estrepitosa sal-

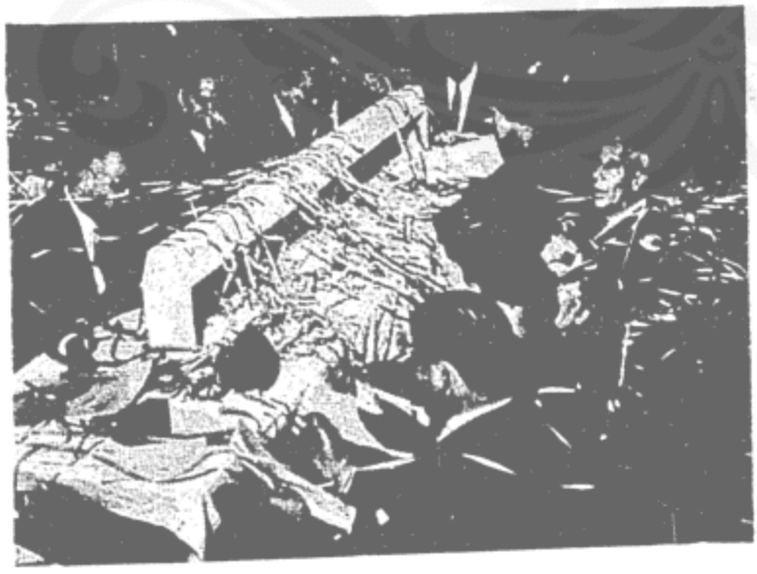
Miss Paraíba

va de... assobios e apupos, pois todos os presentes esperavam a vitória da linda representante do Distrito Federal, senhorita Lêda Brandão Rau.

Como beleza física achamo-la, de fato, mais bonita do que a vencedora. Nós, por exemplo, se tivéssemos feito parte do júri, teríamos nela votado. Miss Rio Grande do Sul, porém, é forçoso reconhecer, é mais desembaraçada nos segredos da vida social. Daí, provàvelmente, a preferência dos juízes encarregados do julgamento.

Miss Minas Gerais

Make-up de Miss Brasil



O Júri

Miss Pará

Miss Ceará

A coroação de Miss Brasil 1956

A linda Miss Distrito Federal

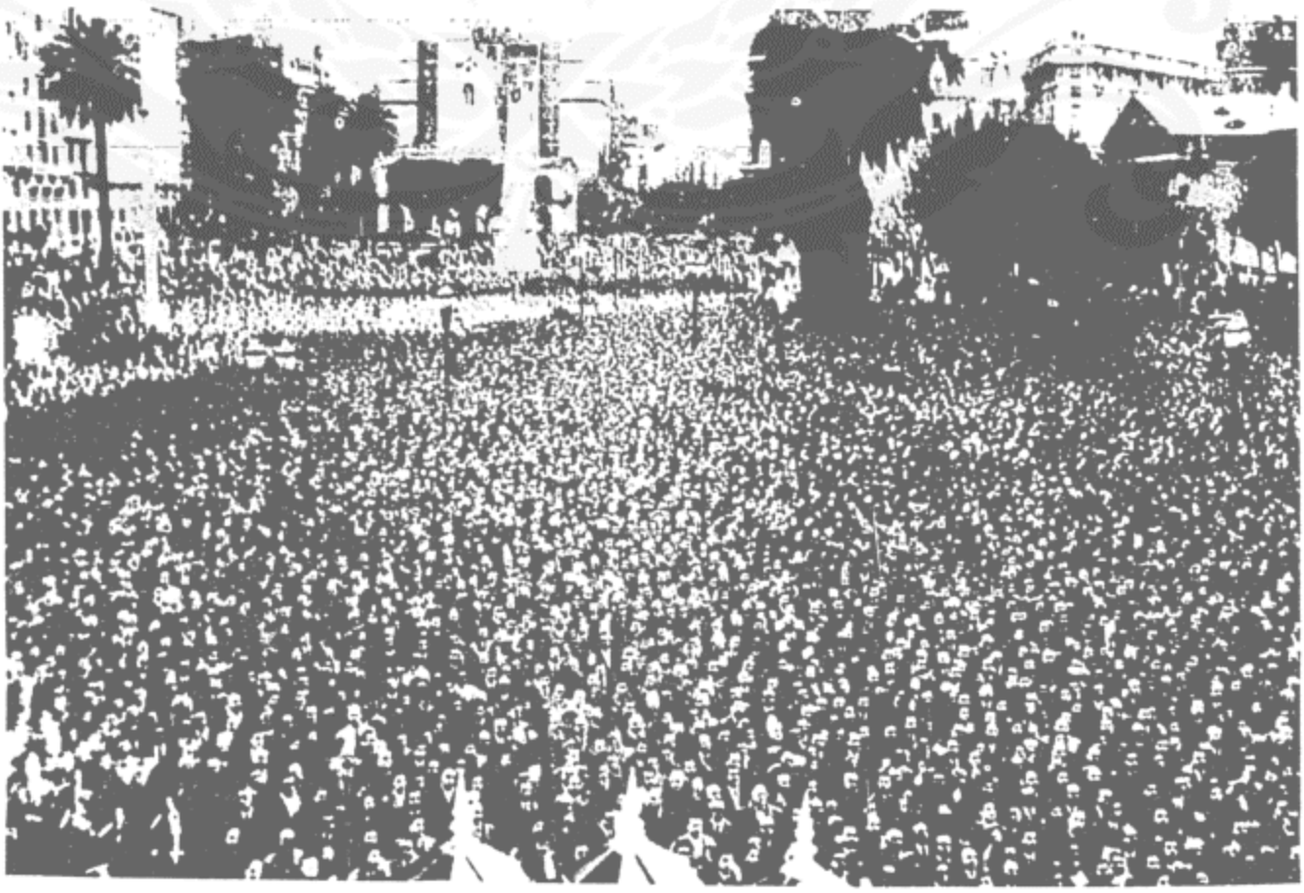
Miss São Paulo

Miss Rio Grande do Sul

Miss Distrito Federal

Miss Estado do Rio

REVOLUÇAO!



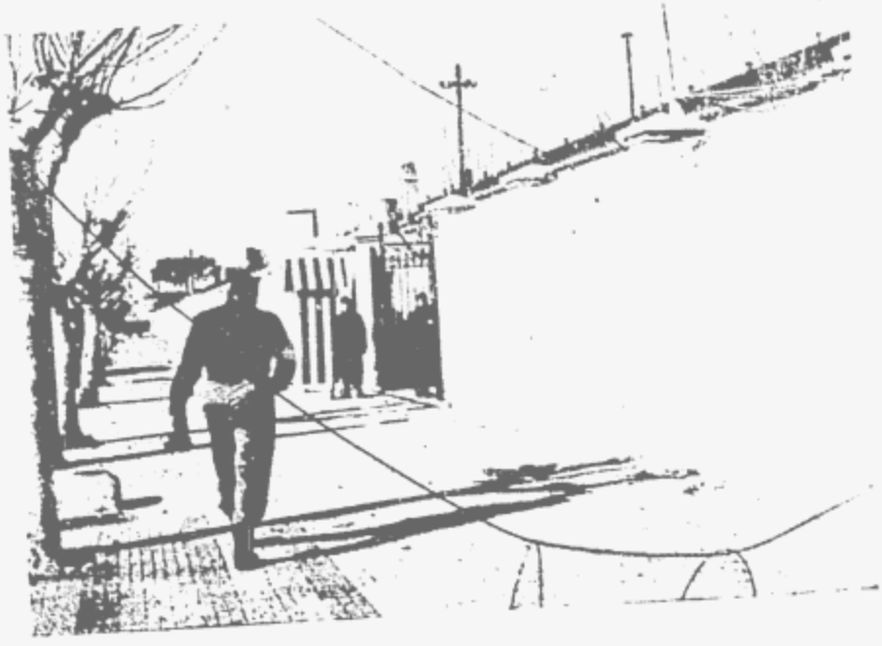
OS saudosistas dos escândalos da ditadura peronista tentaram, recentemente, recuperar o Poder pelas armas. Sob a chefia do general Juan Jose Valle, um dos lideres do regime nefando de Perón, e a quem deveria caber a chefia da nação houvesse a revolução triunfado, vários levantes, de caráter perono-comunistas, sucederam nos dias 9 e 10 de Junho corrente.

Na ocasião o atual Presidente Argentino encontrava-se fora de Buenos Aires, em visita oficial a uma das Províncias.

O *week-end* do Chefe do Govêrno foi aproveitado pelos saudosistas do Poder para a deflagração do movimento sedicioso.

Voltando ràpidamente à sede do Govêrno, o Presidente Aramburu conseguiu dominar a revolta. O chefe da intentona, general Juan Jose Valle, foi capturado no dia 12 e após ser sentenciado à morte por uma côrte-marcial, foi fuzilado, bem como mais de duzentos outros peronistas e comunistas envolvidos nos acontecimentos.

Em conseqüência do bombardeio aéreo a que foi submetido o quartel do 7.º Regimento de Santa Rosa, um dos principais focos da rebelião, suas instalações ficaram grandemente danificadas, pelas bombas e pelo incêndio que ali ocorreu.



O Presidente, General Pedro Aramburu (ao centro da fotografia) olha a multidão estacionada na Praça de Maio, em frente ao Palácio Presidencial, logo após a vitória do govêrno sôbre os revoltosos de 9 de Junho corrente.

A imensa multidão que se reuniu na Plaza de Maio, no dia 12 de Junho corrente, para ouvir a palavra do Presidente Aramburu.

Tropa fiel ao govêrno argentino descansa após o combate.

Os bombeiros que trabalharam na extinção do incêndio do quartel do 7.º Regimento.

Quartel do 7.º Regimento de Santa Rosa onde houve combate e fuzilamento de revoltosos.

O F. C. do Porto

O Fluminense F. C.

FUTEBOL INTERNACIONAL

FOI francamente decepcionante a atuação dos rapazes do F. C. do Porto, em sua estréia contra o Fluminense F. C., domingo no Maracanã.

Nem pareciam jogadores de futebol, já que seu antagonista também não jogou êsse jôgo.

Entretanto, o interesse pelo prélio foi grande posto que o F. C. do Porto sagrou-se campeão português de futebol e levantou a taça de 1955, o que se refletiu na arrecadação de quase três milhões de cruzeiros, quanto renderam os portões do maior estádio inacabado do Mundo!

Grande parte do interesse pelo jôgo proveio da magnífica atuação que tempos atrás aqui desenvolveu o S. C. Benfica, jogando alguns **matches** de bom futebol.

O resultado da peleja: três tentos a zero, não significa, como a muitos poderá parecer, grande atuação do nosso tricolor. O clube de Laranjeiras atuou mediocremente, como o tem feito em quase tôdas as últimas apresentações em público. Verdade é que, se tivesse querido, poderia ter aumentado a contagem de dois ou mais tentos, tal a fraqueza dos seus simpáticos adversários. O goleiro tripeiro (os portuenses são conhecidos em Portugal por tripeiros) fêz o que pôde por impedir a queda de seu reduto, conseguiu defender tôdas as bolas que não entraram... e que foram muitas, porquanto o arco lusitano foi muito assediado, durante grande parte da peleja.

Em resumo: apesar de haver jogado pífiamente, o Fluminense ganhou fàcilmente. Os rapazes do F. C. do Porto, se não mudarem de tática e de futebol, só conquistarão revezes nesta capital. Não irão, de modo algum, lá das... tripas.

O capitão do F. C. do Porto e a mascote do onze lusitano.

É realmente notável a ação da

Tricomicina

no combate à calvície e suas diversas manifestações.

Se os seus cabelos estão caindo ou se o senhor já é acentuadamente calvo, não hesite mais: comece a usar ainda hoje a loção TRICOMICINA que promove a recuperação dos cabelos perdidos, assegura a permanência dos que ainda existem, elimina a caspa e a seborreia e higieniza o couro cabeludo, deixando-o livre de quaisquer impurezas.

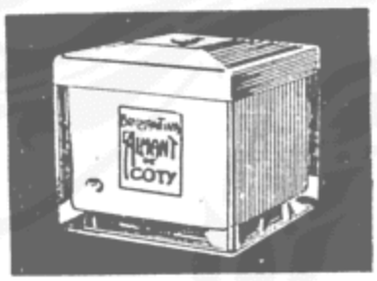
APLIQUE ASSIM A TRICOMICINA:

1. - Faça uma vigorosa massagem, com as pontas dos dedos, em tôda a cabeça.

2. - Com um algodão embebido em Tricomicina friccione fortemente todo o couro cabeludo.

Tricomicina

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS



NA ITÁLIA TAMBÉM HÁ NOVOS-RICOS...

Apesar de derrotada na última guerra, a Itália também conta numerosos novos-ricos que prosperaram, não se sabe bem como, em negócios nem por isso muito claros.

E, como não podia deixar de ser, o bom-humor italiano compraz-se em inventar anedotas acêrca dos milionários de fresca data.

O casal de novos-ricos passava as férias num hotel caro, numa praia muito conhecida.

Certa noite, após o jantar, a conversa derivou para a música e alguém, a propósito, lembrou-se de falar em Mozart.

— Que coincidência! — exclama a senhora nova-rica — Ainda ontem a vi com a mulher no trem das 9 e 11. Iam para a praia.

O resto do serão passou-se no meio de um silêncio terrível, com a senhora a calcular que tinha dito grande asneira.

Logo que ficaram sós, o marido disse-lhe:

— Não te disse para ficares calada quando se falasse de alguma coisa ou pessoa que não conhecesses?

— Mas, afinal, que disparate foi que eu disse?

— Já estás aqui há bastante tempo e, por isso, já devias saber que o trem das 9 e 15 só circula aos domingos e ontem foi quinta-feira!

UMA CARTA DE MOSCOU

Esta história se conta em França:

Certo comunista francês parte para a Rússia, afim de ver, com seus olhos, como é aquilo por dentro. Despede-se de um amigo, que tem muita pena de não poder ir também, e combinam.

— Da Rússia, mandarei notícias. Simplesmente, como a censura postal na União Soviética é vigilantissima, se lhe escrever com tinta preta é porque tudo por lá é

Paco canadense

— J. K. ordenou ao Negrão que encampasse os veículos da Light!

— Não lhe disse que o mineiro comprava bonde?!

maravilha: se lhe escrever a tinta verde é porque tudo quanto de bem disser na carta é falso.

Algumas semanas mais tarde, o que ficou na França recebeu uma carta, escrita a tinta preta.

Cheio de contentamento, levou-a para o "café" mais próximo e leu-a a um grupo de amigos.

A carta dizia textualmente assim:

"Querido camarada: Tudo aqui é magnífico. A alimentação e os vestuários são baratíssimos. O trabalho é pouco e muito bem pago. Todo o povo adora Krushchev. Eu nunca me senti tão feliz como nesta terra, onde não falta nada, a não ser tinta verde...

BIRUTICES

Na banheira do manicômio há duas torneiras. Uma deita água quente e a outra também.

✧

Que mania tem aquêle cabra? Anda sempre com a mão na testa e outra na nuca!

Tem a mania de que é Napoleão.

— Mas Napoleão andava sempre com uma das mãos no peito e a outra nas costas.

— Pois sim, mas êste também é muito mais baixo do que o imperador francês.

✧

O louco faz declaração de amor a uma jovem e termina por estas palavras:

— Se não aceita meu amor, atiro-me desta janela abaixo!

— Mas esta janela só tem um metro de altura.

— Não faz mal. Atiro-me dez vêzes!

PROTOCOLO

Consultada por ocasião de recente casamento principesco, Elsa Maxwell indicou o modo pelo qual se devia distribuir os lugares em tôrno da mesa que tinha de reunir convidados de diversas camadas sociais.

— Eu os coloco à vontade — disse ela gravemente.

— Mas, se os aristocratas reclamarem?

— Bem. É simples. Anoto-lhes os nomes e não os convido mais.

✧

— O médico recomendou lhe que só fumasse um charuto por dia!

O DIA DE JUIZO

Reconhecei-o, vil rebanho de hipnotizados ! Fôstes como os garotos brincando de guerra, presenteando-vos mùtuamente com medalhas. Brincastes de ladrões, arrogando-vos alternadamente os papéis reversiveis de prêso e de carcereiro. Para que essa campainha ? Por que gritam e se acotovelam aquelas mulheres de seios remendados ?

— Há, ai adiante, um "stand" onde se distribuem...

— Os meus livros de filantropia ?

— Pó-de-arroz e "rouge", cremes e tinturas, "soutiens" e ligas.

Glycérine-Égalité sorriu, indulgente. O vozerio das mulheres que se injuriavam, pisando-se, agatanhando-se, chegava-lhe abafado. E êle disse:

— Os homens não são assim. Hoje, sentem-se todos no me-mo plano: o carrasco e o enforcado, o escravo e o cesar, o ariano puro, vindo dos planaltos de Palmir, e o negro da Luisiana. As vítimas da injustiça e dos erros humanos vêem hoje restauradas a verdade e a eqüidade. Pobre Silvio Pelico, pobre Galileu !

— Por que ? — acudiu Galileu — Não há uma onça de verdade no que se propala. Eu, torturado pela Inquisição ? Condenaram-me a seis meses de reclusão. Eu teria de cumprir a sentença no palacete amenissimo do meu amigo Piccolomini, arcebispo de Siena...

— E por que, pobre Silvio Pelico ? — interveio êste — Antes a justiça politica sempre fôsse assim !... Eu fui o último condenado politico bem tratado. A sentença de morte foi comutada imediatamente em quinze anos de prisão. E, passados nove anos, o imperador perdoou-me os outros seis.

— O que é que está dizendo aquêle marinheiro ? — perguntou Glycérine-Égalité.

— Eu sou Magalhães. Navegando em tôrno da Terra, demonstrei que ela é redonda.

— Em que ano ?

— Em 1519.

— Antes de Cristo ? — inquiriu, sarcástico, um homem de clâmide e sandálias, com uma fita na testa.

— Depois — respondeu Magalhães.

— Pois bem: eu sou Tales de Mileto. E disse isso antes de ti.

— E eu ? — exclamou um egipcio — sou o engenheiro construtor da grande pirâmide. Aqui estão os desenhos. Viram ? Eu já escrevi em estilo simbólico, neste perimetro, que a Terra é esférica e tem quarenta mil quilômetros de perimetro.

A poucos passos dali, discutiam um grego e um francês de escarpins de verniz e meias brancas:

— Fui eu quem inventou a auscultação, eu, Laënnec, em 1816 !

O grego voltou-se para um magote de rapazes:

— Meninos, o que foi que eu lhes ensinei ?

— A encostar o ouvido ao coração e aos pulmões, mestre. Glória a Hipócrates !

— E o que é isto ? — perguntou um velho chinês, tirando um tubo da manga.

— Um estetoscópio.

— Vós destes um nome ao tubo e eu inventei-o 4 mil anos antes da vossa era !

— Quem inventou o avião fomos nós ! — clamaram em uníssono os irmãos Wright.

— Fui eu ! — protestou Leonardo da Vinci.

— Eu ! — disse Icaro.

— Eu ! — acudiu um garoto cartaginês, exibindo uma pandorga de pergaminho. A vossa estupidez é que vos fêz perder tanots séculos, antes de perceberdes que era possivel sentar um homem na pandorga.

— No lugar de vocês eu envergonhar-me-ia — disse um sábio, afastando-se.

A observação do sábio deixou os inventores perplexos. A partir daí, em vez de disputarem os méritos e a prioridade, passaram a descarregar as culpas uns sôbre os outros.

— Ah ! foste tu, miserável, que inventaste a pólvora ! — berrou alguém ao frade Barthold Schwarz.

— Antes de mim inventou-a aquêle indivíduo — replicou o monge, apontando Rogério Bacon.

— Os gregos de Bizâncio conheciam-na antes de mim — replicou Bacon.

— E, antes dos gregos, inventei-a eu — disse um chinês. Mas servia-me só para brincadeiras pirotécnicas pitorescas, nas cerimônias religiosas.

A algazarra tornava-se ensurdecedora. Navegadores fenícios chamavam impostor a Flávio Gioia, que se proclamava inventor da bússola. Uma "smalah" de árabes exaltava as suas benemerências:

— Nós inventámos o álcool, o zero, os números decimais, a medicina, a alquimia, os almanaques, os arabescos.

Da hoste dos eleitos, que pairava no alto, na luz rosada, desprendeu-se uma mulher. Acabava de vender a alma ao Diabo por um tubo de "baton". E Satanás, orgulhoso da sua última conquista, acompanhava-a ao "stand", para escolher a "nuance" preferida.

— Silêncio! — intimou o Diabo.

A multidão dos rebeldes agitava-se em tumulto.

— Precisamos de ordem! — prosseguiu o Demônio, apanhando pelo braço o primeiro que lhe passou ao alcance. Calhou ser Glycérine-Égalité.

— Manda calar essa gente!

Glycérine-Égalité sacudiu desdenhosamente da manga o pó de enxofre que ali deixara o Diabo.

— E logo a mim é que o dizes? — redarguiu severamente o homem avesso a tôdas as disciplinas, a tôdas as hierarquias.

— Nomeio-te sargento.

O libertário soltou uma gargalhada fragorosa, dobrou-se em dois, bateu palmas nas coxas, invocou o testemunho da multidão e, mostrando os punhos ao insolente, declarou:

— Julgas deveras que, à semelhança daquela mulher, todos te vendam a alma por um tubo de "baton"? Ignoras então que eu, inimigo de tôdas as vontades convencionais e organizadas, definhei no cárcere por ser antimilitarista?

— Faço-te capitão.

A esta afronta, o antimilitarista endireitou-se altivamente, apoiou-se na pilha dos seus livros, cruzou os pés e perguntou:

— Mas tu sabes com quem falas?

— Faço-te coronel. Vem cá; será general! — exclamou Satanás.

Assim dizendo, colou um galão na manga do apóstolo, arrancou três ou quatro penas ao rabo duma galinha, ajeitou-lhe o tufo no chapéu e acrescentou:

— Mira-te no espelho!

O grande libertário olhou-se ao espelho e não se riu. Arrumou as penas, alisou a grega, correu os olhos severos pela turba e, recobrando a bela voz de bronze que eletrizava assembléias e comícios, bradou:

— Silêncio nas fileiras! O primeiro que falar vai para a cadeia!

P.

AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

Seattle — Zumie Davis foi condenado a 200 dólares de multa por tráfico ilícito de álcool e, para defender-se, alegou que as 41 garrafas de uisque e os 21 frascos de gin encontrados em seu apartamento não eram destinados à venda mas estavam ali para serem utilizados como vulnerário "no caso de algum ataque atômico."

Com ÓLEO DE LIMA penteado Êle vive sempre encostado...

Faça como o rapaz que sabe viver... use tambem ÓLEO DE LIMA, que é produto cientificamente preparado, sem gomo nem gordura. ÓLEO DE LIMA amacia os cabelos sem empastar, facilitando o penteado.

ÓLEO DE LIMA

SEM PALAVRAS

✧

Rumos Literários

Hélio C. Teixeira

NUM dos jornais desta Capital lemos, há poucos dias, a defesa veemente que um jovem escritor fêz de nossa crítica literária. Na opinião dêsse otimista ela, atualmente, ainda se manifesta de modo apreciável. Confessamos, porém, que tal afirmação nos espantou. No primeiro momento, ao procurarmos compreendê-la, pareceu-nos nela haver evidente falta de sinceridade, mas, reconhecendo tratar-se de jovem escritor honesto, concluimos ter êle apenas cometido um engano, com a melhor das intenções. Não acreditamos na existência de crítica literária capaz de cumprir a elevada missão dêsse importante setor das letras, porque temos observado a proliferação das "panelinhas," de mútuo elogio. Louva-se um livro sòmente quando autor e crítico pertencem à mesma "panela". Os suplementos literários desta Capital são a prova incontestável dessa pantomina. Quando algum "medalhão" do modernismo publica nova obra "portentosa", todos seus "ilustres" confrades, filiados à mesma "igrejinha", improvisam-se em críticos literários para louvar a nova realização do "genial" escritor. Nessas ocasiões é que aparece a crítica, e, por isso, raramente corresponde à expectativa das pessoas menos incautas. Até mesmo aquêles que procuram exercê-la regularmente, publicando em jornais comentários sôbre livros novos, dão apenas breve notícia das obras dos autores não pertencentes ao seu grupo, e, muitas vêzes, nem essa ligeira nota se dignam apresentar, mas, sôbre as obras dos amigos, se estendem com louvores merecidos ou não. Portanto aí está, com tôda franqueza, o que tem sido e continua sendo nossa crítica literária. Da atividade dos nossos comentaristas, habituais ou improvisados, outro aspeto que temos reprovado é o rebuscamento que geralmente se observa nos seus comentários. Desconhecem as teorias em que procuram basear-se, ou então jamais conseguem ser claros por incapacidade invencível. O fato de apresentarem assuntos cujo nível se mantém acima da compreensão das pessoas comuns, não implica ser admissível a confusão que os domina. Fazem várias citações completamente divorciadas das idéias ou conclusões que defendem; tentam demonstrar analogias inexistentes, e, afinal, quase nada conseguem dizer das obras comentadas. Ficam, portanto, esquecidos de que a verdadeira inteligência é aquela que sabe ser clara, até mesmo quando se manifesta sôbre teorias complicadas. O trabalho de pesquisa e análise pode ser confuso e árduo, mas a descrição de suas conclusões tem de ser compreensível. Aliás Paul Valéry, um dos grandes poetas franceses, teve esta frase muito oportuna: "Nos plus claires idées sont filles d'un tra-

vail obscur." E' verdade que, sendo o crítico literário também um artista, sua inclinação para essa atividade é inata; mas não é menos verdade que êsse dom sòmente se revela, de modo apreciável, como conseqüência de muito estudo e muita prática, como resultante, afinal, de certo artifício, pois a maior qualidade do artista que procura aproximar-se cada vez mais da perfeição é o grande artifício da simplicidade, conforme se conclui desta frase admirável de Cícero: "E' uma arte parecer que não temos arte." Machado de Assis também confessou que procurava obter "os mais belos efeitos através dos meios mais simples", e Racine, o maior poeta francês do século dezessete, revelou que muitas vêzes não podia fugir ao trabalho paciente de "faire difficilement des vers faciles." Como prova definitiva de que a verdadeira inteligência é aquela que pode ser compreendida até mesmo pelas pessoas de mediana cultura, basta-nos citar o exemplo de Voltaire, pois apesar de ter sido êle um gênio que, sòzinho, teria realizado a literatura inteira de um século, cultivou sempre, com a maior simplicidade e com a mais surpreendente clareza, todos os gêneros literários. Seu único defeito foi a guerra constante e injusta que moveu contra a Igreja. Nêle, porém, a genialidade do artista redimiu a heresia do homem.

✧

Três a zero

CHEGUEI à pensão e o triste porteiro, que é um pouco desmemoriado, informou-me:

— Telefonou o senhor Oliveira. E' urgente.

Duvidando, perguntei, com cautela:

— Tem certeza ?!

— Tomei nota: o senhor João de Oliveira. Telefonou duas vêzes. E é urgente.

— João de Oliveira chegou da África ?

Isso não sei, senhor engenheiro.

João de Oliveira ! Vinte anos, quase, de vida de cada um de nós ! Êle, com vinte anos de África. Eu, há vinte anos aqui, num clima que dizem melhor, mas por vêzes pior do que o de Angola...

João de Oliveira, o melhor camarada do mundo, que nesse tempo tinha ilusões como eu e abalou para longe, agarrado a mais um sonho — que talvez tivesse dado resultado...

Depois, depois... Havia também a irmã do João de Oliveira e a recordação do nosso noivado, que felizmente não chegou ao fim. Felizmente para ela. Agora estava casada, com filhos, tranqüila, calculando o número dos futuros netos. Onde estaria ? Na outra costa, em Moçambique, segundo constava. João de Oliveira ia contar-me tudo, apesar da distância entre Angola e Moçambique...

E fiquei a pensar no João de Oliveira e no agradável almôço que nos ia reunir, lembrando coisas antigas — e, naturalmente, também a irmã, um bocadinho antiga como nós.

No dia seguinte, na Repartição, entre outras indicações de expediente, figurava um pedido de marcação de hora para receber o senhor João de Oliveira. Chamei o contínuo e esclareci que êsse senhor podia entrar assim que chegasse e nem precisava de ser anunciado.

Meu subordinado mostrou a maior surprêsa. Eu, seu chefe e chefe da Repartição, costumo opor as maiores dificuldades a

(*Continua na pág. 36*)

✧

OS OCULOS DO DIABC

ou na graça idílica dos seus p...
A musa dêste poeta não es... s...
numa gruta mitológica de esplend...
res os seus diamantes, porque êste
são apenas as lágrimas do seu ...
Vive no Sertão
E - Sertão e a alma ... -
lo Cearense. Na eternidade da sua
glória há-de ouvir-se sempre a can-
ção de um sabiá

✧

SUPERFIXO
Alisa qualquer cabelo
O CAMPEÃO DOS FIXADORES NÃO É GOMOSO
FINAMENTE PERFUMADO E DE APLICAÇÃO AGRADABILISSIMA
SEIVA DE MUTAMBA
A VIDA DOS CABELOS
O MAIOR PRODUTO DE TODOS OS TEMPOS PARA PRESERVAR O VIGOR E A BELEZA DOS CABELOS
PETRÓLEO - ÓLEO - BRILHANTINA.
LABORATORIO SEIVA DE MUTAMBA - RUA VITÔR MEIRELES, 68 — RIO
PELO REEMBOLSO: — (Quantidade mínima) SUPERFIXO — 6 vidros a Cr$ 20,00
PETROLEO SEIVA DE MUTAMBA — 6 vidros a Cr$ 35,00

O REI RAPOU AS BARBAS

«NÃO tinha ninguém!" Quando é que já se viu coisa assim? Um rei que não tinha ninguém!

Mas, afinal de contas, quem sabia que êle era rei? Rapara suas barbas e seus trajos pareciam-se com os dos outros mortais. Estavão tão coçados quanto os da maior parte dos homens. Quando escapou pela porta do castelo, a guarda não apresentou armas. Fazia frio de rachar e rijos blocos de neve fustigavam-lhe a pele. Os guardas, tránsidos de frio, completamente entorpecidos, conservavam-se por detrás da colunata. As peles de ovelha das suas peliças chegavam-lhes até o nariz e suas mãos procuravam um pouco de calor nas mangas largas. Batiam com os pés na neve compacta. Aqueles soldados, que se conservavam quietos sem apresentar armas, agradaram-lhe. Tal qual como se aquêle que acabava de passar perto dêles não fôsse o rei! Até se voltara e ria estrepitosamente.

— Eh! Lá, ó tu! Que é que te diverte tanto? — disse uma das sentinelas.

"Eh! Lá, ó tu!". Nunca lhe tinham dito coisa semelhante! Ainda se riu mais ruidosamente.

— Cão! Grande cão! Vou mostrar-te como se chega a roupa ao pêlo!

O rei divertido continuou seu caminho.

— Deixa-o. E' um maluco! Não vês?

O outro grunhiu qualquer coisa que se perdeu entre as pregas da peliça.

E o rei seguiu seu caminho, junto aos muros do castelo. Desceu a encosta, passando por estreitas ruelas onde nunca tinha passado. Aqui e ali havia automóveis parados em frente a jardins, automóveis particulares, sem motoristas. E ao passar junto dêles, apertou a buzina...

— Vadio! Não tens mais nada que fazer?

Vadio! Também nunca tinha ouvido aquilo. Sentiu-se imensamente satisfeito. Nas esquinas das ruas as criadas faziam bolas de neve, e essa brincadeira animava-lhes os rostos. Uma delas atirou-lhe uma. A bola desfez-se na sua mão enluvada e os pedaços saltaram-lhe até à camisa. Ficou com os dedos molhados. O vento começava a fazê-lo tremer.

"Já chega" — pensou para consigo — "Amanhã voltarei a fazer o mesmo". Tomou o caminho do castelo. Pensava que se o duque o visse daque'a maneira, sem barbas, cairia desmaiado.

E ia a passar precisamente junto à porta de entrada quando ouviu:

—Alto lá! Onde vais? — disse um guarda.

Já não ria, tinha frio, seu corpo gelado desejava um banho quente. Sentia-se impaciente por entrar.

— Não vês com quem estás a falar?

O guarda levantou o capuz e tirou a neve que se havia acumulado sôbre as sobrancelhas:

— Olha! Olha! E' êle... o tal cão de há bocado!

O rei bateu o pé colérico.

— Sou o rei!

O outro aproximou-se e ficou a olhá-lo. Depois deu-lhe uma pancada, com a coronha da espingarda, numa cóxa.

— Põe-te a andar ou então sacudo-te o pêlo, mariola!

— Sou o rei, o rei!

Os outros, que também estavam ali, deram-lhe algumas palmadas no meio das costas, cada vez com mais fôrça, e tantas que acabou por rolar pela encosta da colina. Até lhe atiraram uma bola de neve.

— Toma, amigo!

— Agora já podes rir quanto quiseres!

E a olhar para êle, todos se torciam de riso.

Com dificuldade se desembaraçou da neve. Não encontrava o chapéu, e a roupa molhada, ensopava-o até os ossos. Gritou a pedir auxilio. Mas era como se ninguém o ouvisse. Seria possivel? Ninguém vivia ali? Não havia então ninguém para ir em auxilio do rei?

Só muito mais tarde chegou por fim um agente da Policia. Acudia em passos lentos. De longe já se via brilhar, sôbre o cinturão, o número.

— Que é isso? Que lhe aconteceu? Por que grita dêsse modo?

O rei apresentou-se.

— Sou o rei.

O policia olhou o chão, porque o pé batera em qualquer coisa.

— E' seu êste chapéu?

— Mas... não ouve o que eu digo? Sou o rei.

— Está bem; ai tens a tua coroa.

O rei agarrou os braços do policia e sacudiu-o.

— Então não ouves?

"Maldita vida! — pensou o policia — ontem um assassino, hoje um maluco! Estou bem arranjado! Antes mil assassinos do que um doido como êste!"

— Bem; vamos lá a ver, onde mora você? — perguntou-lhe tranqüilamente — é capaz de dizer-me?

O rei desatou a rir, nervosamente.

— Onde vive o rei? No castelo!

O policia olhou-o um momento, como espantado: "Êste tipo realmente dá alguns ares do rei; é exatamente como êle".

— Bem, amigo — disse ao rei — nesse caso venha comigo. Eu vou levá-lo ao castelo. Mas tenho a advertí-lo que, enquanto estiver comigo, não faça asneiras. Porque já viu que se o caso não dependesse

CALVOS

Recuperarão seus cabelos sem Pomadas, nem Oleos, Petróleos ou Quinas. Pagamento depois dos resultados. Peçam prospectos gratis à Ind. Tonico capilar KIN-KIN Ltda. — Rua [illegible] de Irajá, 153 — Botafogo — Caixa Postal 245, Copacabana — Tel. 26-5698 — Rio de Janeiro

senão de mim podia continuar sendo o rei o tempo que quisesse. Mas, se não calar a bôca, uso o tratamento que o regulamento manda e então para o reanimar é capaz de ser preciso chamar o médico.

O rei foi com êle.

— Mas aqui não é o castelo! — disse o rei quando pararam diante da Prefeitura da Policia.

— Vamos, vamos, um pouco de compostura — disse o agente.

O oficial de serviço levantou-se do divã, bocejando medonhamente. Passou dois dedos pelo colarinho para o ajustar e acabou por espreguiçar-se. O policia tinha-se posto na posição de "sentido".

— Agente de serviço Andrés Kereken, número 11; prendi êste sujeito e trago-o ao senhor Comissário. Diz que é o rei.

O comissário deitou uma olhadela sonolenta ao prêso.

— O seu nome? — perguntou com um movimento de cólera.

— Roberto!

O comissário tirou a bôlsa de tabaco, fêz lentamente um cigarro, humedecendo a mortalha com os lábios. Depois olhou para o ar. Perguntou com voz sêca:

— Não se lembra do apelido?

— Roberto 1.º, o Rei.

— E' isso mesmo — disse o comissário, abanando a cabeça; e continuou fumando o cigarro — Kereken, revista o. Talvez tenha com êle algum papel que nos permita estabelecer sua identidade.

O rei deixou-se revistar. O agente esvaziou-lhe os bolsos.

O médico de serviço chegou imediatamente.

— Não tem documento nenhum. Nada mais do que estas dez moedas de ouro.

O médico tomou-lhe o pulso.

— Não lhe doi a cabeça?

O rei não respondeu.

— Demência — disse o médico, num tom altivo. Falta de memória freqüente, imaginação fantasista. Não é perigoso. Não tem necessidade de ir para o hospital.

O comissário preparou um atestado e fêz uma anotação das moedas de ouro. Depois, ficou um instante fazendo suas reflexões.

— Vou mandá-lo para o "depósito" — disse, por fim — ficará ali ate que o procurem nos desaparecidos.

O médico fêz um sinal afirmativo com a cabeça e respondeu:

— Está bem.

— Para onde? — perguntou o rei com temor.

O agente agarrou-o pelo braço.

— Não se assuste, majestade, juro-vos que o levarão ao castelo.

À porta fizeram-no subir para um automóvel preto. O agente sentou-se a seu lado, no banco.

"Parece que me tomaram por louco — pensou o rei — mas não importa".

Entretanto começava a interessar-se pelo que lhe ia sucedendo. Nunca tinha visto a nação. Apenas os ministros, bem educados, e também os generais. Todos em posição "de sentido" dispostos a obedecer. Agora ia ver como era a nação. A nação até aos seus mais remotos confins.

No depósito tomaram conta do rei e do atestado que o agente tinha levado consigo. Fizeram no atravessar compridos corredores, descendo escadas mal iluminadas...

O guarda abriu uma porta de ferro e acendeu a luz de um quarto.

— Aqui está o quarto. Agora, majestade, já vos podeis instalar comodamente.

Sôbre quatro tarimbas havia já ocupantes e no claro-escuro do compartmiento, por debaixo das mantas escuras, apareceram cabeças cheias de sono.

— Trouxe lhes uma grande personagem: o rei!

Os outros, debaixo das mantas, riram com ar trocista.

O guarda fechou a porta. Voltou de novo a escuridão completa. Então o rei sentou-se à beira da cama. Era um leito duro, um colchão de tábuas. Ficou um momento sentado e depois deixou se cair para trás porque estava muito cansado. Começava a sentir a humidade do compartimento penetrar-lhe no corpo e envolveu-se na manta. Tal qual os outros! A cama era horrivelmente dura. E o rei pensou que desde que tinha deixado o castelo, deviam andar à sua procura por tôda parte. Por tôda parte, menos ali. E Deus sabe quando o encontrariam!

— O que és tu? — perguntou um.

O rei pensou antes de responder.

— Sou o rei — disse por fim, apesar de tudo.

— O que é que êste tipo disse? — perguntaram de outro lado.

— Disse que é o rei.

— Era!

— O diabo que os leve! Agora prendem aqui os doidos, no meio de pessoas honradas!

— Vocês sabem lá! E se fôsse realmente o rei?

— Ou então o Czar!

— Muitas coisas podem acontecer nestes tempos que correm...

Calaram se. Respiravam todos fortemente, debaixo das mantas; mas, já nenhum podia dormir.

— Tem barba?

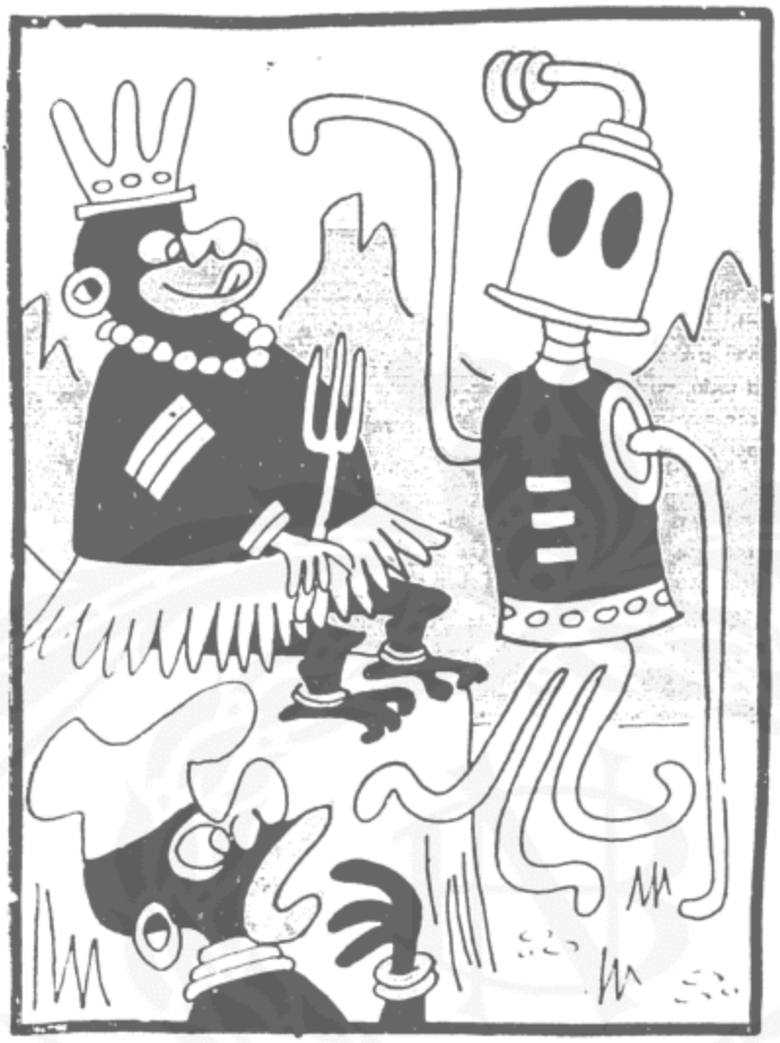
— Não!

— Cortei-a — explicou o rei.

— Está bem! Está bem! — e os

(Continua na pág. 38)

Apetite Real



— Bolas ! Como é que se cozinha um marciano ?!!

✧

TRÊS A ZERO

quem me procura. Podem ser pessoas que devem fazê-lo. Podem ser chateadores. Podem ser cidadãos que se dispõem a reclamar "a quem de direito"... Não importa ! Ali quem manda sou eu !

O continuo não podia imaginar quem era o João de Oliveira. Nem como era a irmã, há vinte anos...

Mas João de Oliveira não apareceu. Passou um dia, passou uma semana. Comecei a esquecer-me. Uma tarde, ao deixar a Repartição, topei com aquêle grupo de amigos que interrompe o trânsito nas calçadas.

— Que é feito de ti ? Ninguém te vê !

— O trabalho... Muito trabalho...

— Estás exatamente como o João de Oliveira, que não faz nada e repete o mesmo estribilho...

— O João de Oliveira ?!

— Foi-se embora há um instante. Sempre com a mesma mania — o trabalho, muito trabalho...

— Para onde foi ? Onde está hospedado ?

Não estás bom da cabeça ! Sabemos lá onde mora o João de Oliveira ! Calhou aparecer por aqui e calhou ir-se embora.

— Está mais velho ?

Assim, assim...

Tudo isto era muito vago e começava a ser ridículo. Faltavam as notícias diretas. Quando êle aparecesse na Repartição, o continuo já sabia o que tinha a fazer. Os outros que esperassem: as salas de espera não servem para outra coisa. João de Oliveira entraria em primeiro lugar. Imediatamente. Sem ser anunciado. A não ser que fôsse o diretor-geral ou o Ministro. Mas os diretores-gerais e os Ministros não costumam freqüentar as Repartições.

As folhas do calendário continuaram a cair, como se fôsse o Outono. Tinham decorrido três semanas quando me chegou às mãos, por entre a papelada burocrática, memorial acêrca da instalação de certa fábrica. Assinava-o um dos administradores. E a assinatura era simples: João de Oliveira.

Coitado do rapaz ! Apesar de ingrato, visto que não aparecia, era aborrecido ter vindo da África, não para descansar, mas para se meter em complicações, daquelas que rendem milhares de cruzeiros... Fazia pena.

O assunto passou à frente de todos os outros. Não pelos milhares de cruzeiros. Da minha parte, o que contava eram as recordações. E nas recordações estava misturada a família de João de Oliveira. Os amigos são para as ocasiões — mesmo se as ocasiões se perderam...

Vim a apurar, pouco depois, que o sinatário do memorial não era o João de Oliveira do meu passado e de Angola. Concluí que eu tinha direito a uma explicação do *verdadeiro* proprietário do nome. Por isso achei normal que se abrisse a porta do meu gabinete, para dar entrada ao "se-

(Continúa na página 41)

uma bomba de alegria

É ÊSTE NORTE É DE NORTE

TODOS OS DOMINGOS AS 20,30 h. NA

RÁDIO MAYRINK—VEIGA

(ORG VITOR COSTA)

uma produção de FRANCISCO ANISIO para o

BRIM CORINGA não encolhe!

O REI RAPOU AS BARBAS

quatro desataram a rir. Junto do rei estava um velho, estendido na cama que até então não tinha ainda dito nada.

— Aqui está-se melhor do que em casa do rei.

— Por quê? — perguntou curiosamente o rei.

— Não é coisa vulgar ser rei.

— Isso, amigo — disse um outro tipo — é verdade. Nem em cada milhão de homens se encontra um rei.

O velho continuou falando.

— O rei nem sequer é um homem. E não é um Deus.

—Então o que é?

— E' como se disséssemos, a coroa. Não chega a ser um homem, mas há necessidade de que seja um, e isso é o principal. Até acontece que têm de o ensinar. E então se alguma coisa não caminha bem, dizem que é a vontade do rei, ou então dizem que isto ou aquilo se deve fazer assim, porque o rei assim quer e a coroa também. Quanto à opinião do próprio rei é como se não existisse. Fazem-no ir de aqui para ali como um baú. Não tem vontade própria.

— E ainda por cima nem sequer pode escolher a mulher que lhe agrade. Não pode ter mais do que aquela que os diplomatas lhe arranjem.

— O nosso, por exemplo, anda a viajar por todo o país e apesar disso não encontrou ainda a sua mulher. A' que êle quer os diplomatas não a aceitam; quanto às outras... não as quer êle.

Raiava o dia. Um dos esfarrapados, pálido, pôs os cotovelos na cama.

— E tu que dizes? Pareces um grande senhor.

— Que êle tem razão.

O velho tinha o rosto congestionado pela tosse da madrugada.

— Agora já deves perceber tudo isto. Então por que te empenhas em querer ser o rei? Procura uma mulher, a qual poderás beijar quando queiras. Se a possuires, que mais queres tu? Já vês que se fôsses rei, nunca poderias fazer tal.

No fundo do corredor ouviu-se o ruído de sabres chocando-se, rumor de passos militares marcados sôbre as pedras.

O rei apurou o ouvido. Os outros sentaram se nas tarimbas.

— Talvez nos venham transferir — disse um dêles.

Titilintou uma chave na fechadura e abriu-se a porta com estrépito. Um oficial de galões de ouro entrou como um furacão, enquanto, fora, os soldados armados, se colocavam em posição de sentido. O rei deixou cair a manta escura e lentamente perfilou-se em cima da cama. Todos os detidos saltaram das tarimbas. Só o velho ficou deitado. O oficial estacou a seis passos diante do rei. Parecia cravado no chão.

— Senhor: sou o conde Demetzky, capitão da guarda privada, às suas ordens.

O velho ergueu se e sentando-se na cama, juntou as mãos.

— Oh, pobre amigo!... És verdadeiramente o rei?

Com tristeza o rei fêz um gesto.

— O rei!

E dirigiu-se ao oficial:

— Tem que interessar-se por estes homens. Tome nota dos seus nomes.

Quando chegou ao castelo começou por tomar um banho perfumado. A água quente reconfortou seu corpo enregelado pelo frio e dorido da tarimba de madeira. Sorria suavemente olhando para os pés.

— Está bom; é quente. Que bôa é a água quente!...

Adormeceu em seguida com sono profundo, e era já noite quando consentiu em receber o mestre de cerimônias. Olhou-o fixamente nos olhos. Sentia que também já era homem e que regia a sua vida com decisões enérgicas. Um rei que se orientaria segundo as suas próprias idéias.

O mestre de cerimônias inclinava-se humildemente.

— Vossa majestade descansou convenientemente?

O rei fêz um gesto furioso.

— Tenho que dar-vos novas ordens.

O mestre de cerimônias sorriu.

— Vejo que Vossa Majestade seguiu a moda, fazendo rapar as barbas. Noutro tempo a moda é que se guiava pelos soberanos.

— Duque, pare de sorrir! Não tolero ironias, nem piadas. E' assim mesmo; cortei a barba e não só a barba mas também as algemas que me tinham posto. Esta noite entre quatro prêsos na cadeia a minha vontade de homem livre despertou. A partir de agora quererei o que eu quiser. Esta noite...

O mestre de cerimônias abanava a cabeça. O rei calou-se.

— O que temos?

— Permita-me, ùnicamente, refletir sôbre o perigo da experiência desta noite.

— Eu sou o rei.

O rosto do mestre de cerimônias tornou-se mais duro; impertigou-se, muito direito:

— Exatamente por isso.

— Não percebo, duque.

— Não sois senão um rei. Mas o individuo que passou a noite na cadeia podia simplesmente ser enviado para o manicômio. Se se prende um homem na rua porque diz que é rei, não pode ser senão um louco.

— Mas se era eu próprio em pessoa.

— E quem acreditaria em Vossa Majestade? Não fomos nós necessários para provar que era verdade? Os guardas armados e tôda a pompa e aparato do Estado tiveram que ir' prová-lo, como testemunhas. E se não tivéssemos procedido assim?

— Que sucedia?

— Teria continuado a ser um louco que estava na prisão, meu senhor. O rei não é rei senão quando tem sôbre a cabeça uma coroa e o manto régio sôbre os ombros. Quando muito é um símbolo vivo e obediente do Poder, o qual se reune em sua mão por meio de mil invisíveis fios. Senhor, o rei não é um homem. Outrora o rei era um homem, mas hoje é um homem que renunciou a ser homem a fim de poder ser rei.

O rei baixou tristemente a cabeça

e as palavras do velho vieram-lhe à memória.

— O rei é um baú — disse inconcientemente.

O mestre de cerimônias aprovou com um sorriso.

— Tenho a honra de informar Vossa Majestade que publicámos em seu nome um comunicado anunciando que o estado de saúde de Vossa Majestade o obriga a permanecer no leito durante algumas semanas.

— Mas por quê?

— Tenho esperanças de que durante êsse tempo a barba de Vossa Majestade...

— Percebo — disse o rei.

— Posso igualmente anunciar a Vossa Majestade que o Ministro do Interior terminou com êxito as conversações a respeito da princesa Eudóxia Anastácia que Vossa Majestade deve...

O rei teve um gesto brusco.

— Mas... têm a intenção de obrigar-me a ficar com... êsse monstro?

O duque franziu a testa em sinal de protesto.

— Senhor: com o fim de assegurar a nossa posição como grande potência do Mundo e com o fim de permitir à nossa politica colonial estender-se ainda mais, chegámos à conclusão que êste casamento é do mais alto interesse para todos. Por outro lado, a mocidade da princesa...

O rei fêz um gesto.

— Sei o que vão dizer.

O duque inclinou-se humildemente.

— Às vossas ordens, senhor.

O rei percorreu a sala a passos largos; depois parou na varanda e olhou para a sombria colina à esquerda por onde se tinha aventurado na véspera.

— Olhe, duque — disse, depois, com voz triste — Na prisão, ao meu lado, havia um velho homem, muito velho. Considero-o um sábio. Aprendi com êle uma grande verdade. Ser rei não é uma coisa normal. O pobre rei nem sequer pode escolher uma mulher a quem possa beijar quando quiser.

O rosto do Duque estava muito sério; talvez até contristado. Encolheu os braços com resignação:

— E' verdade, senhor; todos nós somos uns pobres homens dignos de compaixão, mas... O ser rei? Isso, meu senhor, é a grande desgraça dos eleitos.

"Boitatá"

UMA das lendas mais interessantes do Sul do Brasil é, talvez, a do "boitatá". O "boitatá" é constituido por duas linguas de fogo, que aparecem, correndo uma para outra, sôbre o telhado das casas em que se deram certos pecados, principalmente entre compadre e comadre. Transformadas em duas chamas inquietas, as almas dos pecadores dêsse gênero saem à noite pela terra, unindo-se no teto que lhes presenciou a falta imperdoável: e isso é tão infalivel, tão certo, que as populações sertanejas conhecem, uma a uma, as casas que tiveram cumplicidade nesses delitos.

Era sôbre essa superstição que conversávamos, um dêstes dias, eu e D. Alice, na sala de jantar do dr. Epaminondas Ferreira, que se encontrava ausente, quando a distinta senhora, com seu sorriso de Gioconda resignada, se voltou para mim, perguntando:

— O senhor acredita nessas coisas, Conselheiro?

Eu fiz um movimento de ombros, significativo da minha indiferença por semelhantes abusões, e D. Alice atalhou:

— Pois olhe: eu creio. E acredito em tudo isso, porque, na terra em que eu nasci, e para onde Epaminondas seguiu na quinta-feira, todos acreditam, e com o maior fundamento. Nessa fazenda, que é nossa, a seis léguas de Uberaba, nunca o "boitatá" apareceu sôbre uma casa que não se verificasse, depois, ter havido aí um dêsses crimes.

— E' curioso! — exclamei. — E gostaria mesmo de ver, para acreditar.

— Por que não vai à nossa fazenda, quando estivermos lá? — convidou-me D. Alice.

E insistiu:

— A casa é muito grande, muito boa, e está quase vazia. A única pessoa que mora lá é a comadre Matilde, mulher do nosso vaqueiro.

Nesse momento soa a campainha do portão. Era um telegrama urgente, do dr. Epaminondas. D. Alice abriu-o, e empalideceu.

A casa da fazenda havia pegado fogo...

Humberto de Campos

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL
PARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.

Um São João divertido

AGUINALDO andava com vontade de ir passar o S. João em Minas.

Com pequeno sacrifício dos seus vários credores, era aquela a bôa oportunidade.

Não pagaria a prestação da geladeira, diria ao homem das mobílias que no mês seguinte entraria também com o dinheiro do mês anterior, inventaria desculpa para ver-se livre do vendedor do rádio e — que diabo ! o dinheiro devia chegar bem para a viagem.

— Não te parece, Miquelina ?

A espôsa era tão insensata quanto êle e concordou imediatamente.

— Mas, como vamos ? — perguntou — De trem ou de ônibus?

— De automóvel ! — respondeu Aguinaldo, em tom que não admitia dúvidas.

— E onde é que arranjas o automóvel ?

— Peço ao Freitas que me empreste o dêle.

— O quê, tu queres ir no AC do Freitas ? !

— Bem sei que é automóvel "Antes de Cristo", mas anda muito bem !

— Vê lá em que te metes !

— O' mulher, meto-me no automóvel e vou por aí aicma, "pé na táboa", como dizem os motoristas !

✧

Freitas tinha descoberto meio de não gastar dinheiro com os consertos do AC. Não seria bem o ôvo de Colombo, mas a descoberta não deixava de ser engenhosa.

Quando o carro começava a precisar dalguma peça, Freitas emprestava-o a um amigo.

E o amigo, para não ficar no meio do caminho, não tinha outro remédio senão fazer a despesa.

Na altura em que Aguinaldo pretendia ir a Minas, o carro não necessitava de uma peça apenas: precisava de muitas... Ou, até, melhor: precisava de tôdas, para poder andar-se nele com confiança.

E' claro que quando Aguinaldo lhe foi pedir a "lata velha", Freitas embandeirou em arco:

— O' carissimo amigo, tenho-lhe dito vêzes sem conta que o carro está às suas ordens. E então para viagem longa até me presta bom serviço, porque o mecânico me tem dito que o carro do que precisa é rodar, e quanto mais, melhor.

Perante tal acolhimento Aguinaldo deu no Freitas um abraço de agradecimento e foi prevenir D. Miquelina de que a partida seria na tarde seguinte.

Sairiam de casa por volta das três e meia, dormiriam em Juiz de Fora e, no dia imediato, continuariam a viagem.

✧

À hora marcada a sogra, arvorada em juiz de partida, deu o sinal e, com o Aguinaldo na direção D. Miquelina ao lado e a sogra e as malas no assento de trás, o AC do Freitas encetou a viagem.

Logo aos primeiros quilômetros o carro começou a ter soluços, mas Aguinaldo atribuiu-os mais a uma questão sentimental do que a qualquer desarranjo na mecânica.

Como efeito, o AC pertencia ao Freitas há um ror de anos e era portanto natural que o carro, ao afastar-se do dono, tivesse dessas comoções tão vulgares em quem parte para viajar.

Os soluços deviam ser, portanto, crise nervosa que passaria dentro de alguns minutos.

Mas, andados três mil e quinhentos metros, os soluços transformaram-se em chôro convulso de porcas, parafusos e engrenagens.

— O carro parece que esta a desfazer-se ! — gritou, do meio das malas, a sogra de Aguinaldo.

— Não se assuste, mãe ! disse D. Miquelina, com voz em que se percebia que também não estava muito confiante.

Percorridas mais algumas centenas de metros, ao ruido das engrenagens juntaram-se uns guinchos agudos, que faziam lembrar os macacos do Jardim Zoológico quando se lhes atira um punhado de amendoins.

Depois, aos guinchos simiescos sucederam-se umas núvens de fumo, saindo pelo tubo de escape e pelas frestas do "capot". E o carro tinha, de vez em quando, ataques epiléticos, que faziam tremer os vidros das janelas, como se dentro dêle houvesse um terremoto.

— O' Aguinaldo, parece-me que o melhor é pararmos ! — aconselhou a espôsa.

Clichés:
TRAÇO
FOTOGRAVURA
TRAÇO E FOTOGRAVURA
DOUBLÉS
✧
ACEITAMOS ENCOMENDAS
ENTREGA RÁPIDA ——— PREÇOS RAZOÁVEIS
RUA FREI CANECA, 383 ——— TELEFONE — 32-3721

Qual parar ! O carro até vai trabalhando muito bem ! Êste barulho deve ser as saudades que tem do Freitas e que lhe estão lá por dentro a roer o motor, que é o coração dos automóveis.

Nessa altura, tendo já passado a Barreira e a Baixada, o carro tinha que vencer um declive. Mas o carro negou-se terminantemente.

Aguinaldo abandonou a direção e foi abrir o "capot", na esperança de descobrir o motivo da recusa.

Mas, quando levantou a tampa, ficou surpreendido ao ver as labaredas que irrompiam de tôdas as partes do motor.

A sogra saltou do carro, assustada, aos gritos.

E D. Miquelina, influenciada pelo pânico, saltou também, pedindo socorro.

Estabeleceu-se enorme confusão.

As duas senhoras corriam dum lado para o outro, como loucas, dando, inconscientemente, gritos e passos de dança popular, as labaredas subiam no espaço e tomavam a forma de fogo de artifício, o tubo do escape continuava deitando fumaça que se assemelhava ao gás dos balões das romarias, as engrenagens soltavam apitos que lembravam uma filarmônica em movimento e Aguinaldo, olhando aquêle espetáculo, ao mesmo tempo dantesco e bizarro, dizia para si próprio:

"Ora esta ! Eu queria ver o S. João de Minas e, afinal, venho ver o S. João do Estado do Rio...

— ✧ —

TRÊS A ZERO

nhor João de Oliveira", únicas palavras que o continuo pronunciou.

Levantei-me e não o reconheci. O meu abraço de velha amizade ficou em suspenso. Estava muito mudado... Ou, Não, não era êle!

Não era ! Nas mãos trêmulas, mostrou um papel azul com muitas assinaturas:

Não tenho a honra de conhecer V. S., mas agradeço profundamente reconhecido que me tenha recebido sem dificuldade...

Bem.

V. S. não recebe assim, sem mais nem menos...

Quem vai afinal receber ?!...

Eu explico. Se V. S. soubesse...

O resto não interessa reproduzir. Pa-sei a ouvi-lo como se ouve, à distância, um programa de publicidade pelo rádio.

Neste intervalo, êle, que *também* se chamava João de Oliveira, entregou-me ansiosamente o papel da subscrição...

B. G.

✧

VANTAGEM DE SER CACHORRO

Cão é pessoa ?

Sim — respondeu em 1950 um coletor de impostos do Ohio, que tinha para isso bôa razão... de coletor. Não — acaba de decidir, em última instância, um juiz do mesmo Estado.

Certo Henry havia legado em testamento mil dólares a seu cão favorito, Rollo, legado aprovado pelos herdeiros, que também gostavam muito do animal. O coletor estrilou. Entendia que Rollo devia pagar o imposto sôbre a herança.

O caso foi para a Justiça.

— A lei taxa os legados às sociedades, instituições e pessoas, mas não os feitos aos cães — protestaram os executores do testamento — a questão é absurda.

— A legislação é extensiva a tôdas as heranças e emprega a palavra "pessoa" para designar tudo que não é sociedade ou instituição — replicou o coletor

Além disso, Rollo não sendo parente do defunto, não tem direito ao desconto familiar.

O processo foi decidido favoràvelmente a Rollo, o que prova que ser cachorro tem certas vantagens... A Côrte concluiu que a palavra "pessoa" não se pode aplicar a outra forma de vida senão à dos seres humanos.

✧

AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

El Paso — Inácio G. Herrera viveu durante quatorze anos fugindo ao cêrco das autoridades, por ter desertado durante a última guerra mundial. Agora apresentou-se e, em sua defesa, declarou: "Desertei porque minha mãe estava passando muito mal. Apresento-me agora, porque esta passando um pouco melhor."

Fairview (New Jersey) — O barman Alfredo Sotta penetrou tumultuosamente no comissariado de polícia, pedindo por meio de gestos que lhe dessem papel para escrever. Na folha em branco que lhe entregaram, escreveu: "Socorram-me: minha língua está prêsa na dentadura."

— ✧ —

Tôda vez que uma mulher confessa a sua admiração por um homem, procurai bem que êle tem muito dinheiro ou é cretino...

GRIPES ? TOSSES ? BRONQUITES ? ASMA ? COQUELUCHE ?
XAROPE PEITORAL PAULISTA
De grande eficiência nas moléstias do aparelho respiratório
Produto do Lab. Farmacêutico das
INDÚSTRIAS REUNIDAS DE JOSÉ STEFANINI
Av. Londres, 416 — Bonsucesso — Fone: 30-5540

Careta

ENCONTRA-SE À VENDA
nas principais bancas de jornais e revistas de todo o país, ao preço de Cr$ 1,00

AGENTE GERAL PARA O BRASIL
FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S. A.
Av. Pres. Vargas, 502, 19.º and.
Rio de Janeiro
Tel. 43-6161

NOS ESTADOS E TERRITÓRIOS
TERRITÓRIO DO GUAPORÉ: Livraria Violeta, Cruz & Cia. (Pôrto Velho).
AMAZONAS: Livraria Escolar Ltda., Rua Henrique Martins, 177 181 (Manáus).
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Trav. Campos Sales, 85 89, (Belém).
MARANHÃO: Ramos d'Almeida, Praça João Lisboa, 111, (São Luís).
PIAUÍ: Cláudio Moura Tote, Rua Coelho Rodrigues, 1139, (Teresina.)
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, (Fortaleza).
RIO GRANDE DO NORTE: Luís Romão, Av. Tavares de Lira, 48 (Natal).
PARAÍBA: S. A. Luna, Rua do Riachuelo, 266, (João Pessoa).
PERNAMBUCO: Joel Moura, Rua da Matriz, 121, (Recife).
ALAGOAS: Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda., Rua da Bôa Vista, 111 (Maceió).
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, (Aracaju).
BAHIA: Distribuidora de Revistas, Sousa, Ltda., Rua Saldanha da Gama, 6 (Salvador).
MINAS GERAIS: Soc. Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda., Av. Andradas, 280, (Belo Horizonte).
ESPÍRITO SANTO: Alfredo Copolillo, Rua Jerônimo Monteiro, 361, (Vitória).
SÃO PAULO: Distribuidora de Jornais e Revistas, A Intelectual S. A., Avenida Casper Libero, 36 — 3.º and., salas 307 8, (São Paulo)
PARANÁ: J. Ghignone & Cia. Ltda. Rua 15 de Novembro, 123, (Curitiba).
SANTA CATARINA: Arthur Beck, Caixa Postal 130, (Florianópolis).
RIO GRANDE DO SUL: Salvador La Porta, Rua 7 de Setembro, 723, (Porto Alegre).
MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, (Cuiabá)
GOIÁS: Agrício Braga, Av. Anhanguera, 78, (Goiânia).

TEMOS EM TÔDAS AS GRANDES CIDADES DOS ESTADOS, SUB-AGENTES ENCARREGADOS DE NOSSA DISTRIBUIÇÃO

O Comandante-Chefe dss Fôrçaa Armadas é o "Pin-Up-Boy" n.º 1

TÔDA vez que o General Lauris Norstad cruza com alguma jovem perto de sua vila de Garches, situada a poucas centenas de metros do campo de golfo de Saint-Cloud, ela não resiste a tentação de virar-se para olhá-lo demoradamente. Norstad, que substitui recentemente o General Gruenther na direção da OTAN, é sem contestação o "pin-up-boy" número 1 do exército norte-americano. É, de fato, um gigante louro de olhos claros e de rosto de galã adolescente, ao qual se daria no máximo trinta anos. No entanto, êle está para fazer cinqüenta. A despeito da sua pouca idade (para a sua graduação) fêz uma das mais brilhantes carreiras no exército americano e desfruta de excepcional prestígio. Desmentindo o ditado, segundo o qual a beleza não faz bôa liga com a inteligência, êle se tornou em tempo recorde um dos chefes militares mais experimentados em estratégia internacional.

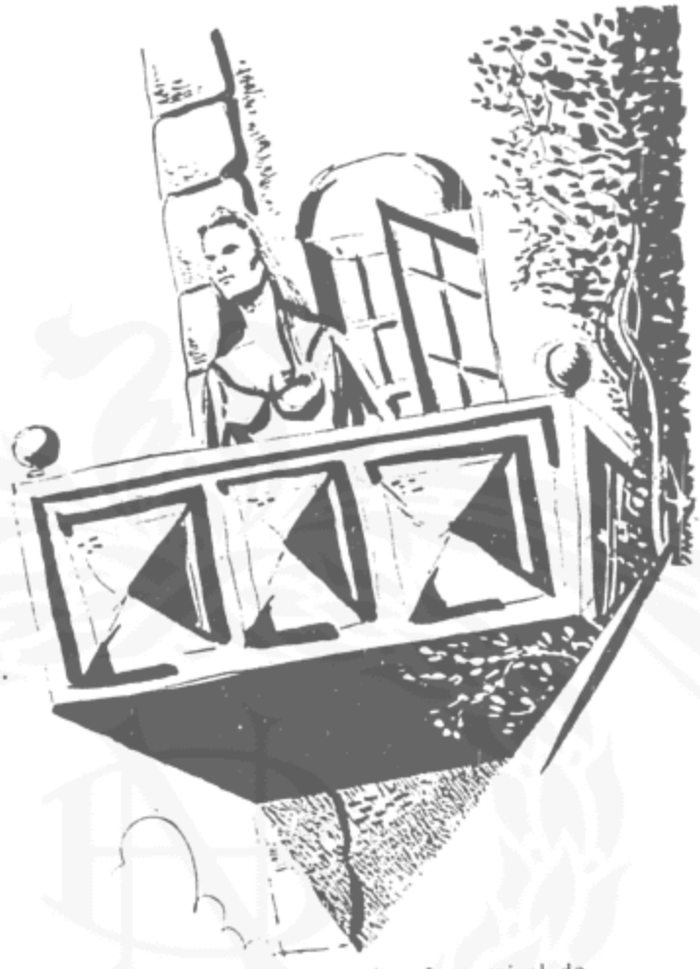
Eis alguns traços interessantes de sua vida militar: saiu de West-Point em 1930. Foi servir numa base no Hawai, regressando aos Estados Unidos em 1936 como capitão. Designado para o G. Q. G. da 61.ª esquadrilha, encontrou meio de acumular número incrível de horas de vôo no pôsto de pilotagem de bombardeiros médios e, ao mesmo tempo, obter diploma especial da escola tática da Fôrça Aérea (Maxwell Field, Alabama) em 1939. Em 1942 já era membro da Fôrça Aérea em Washington. Nesse delicadíssimo cargo, em que os melhores oficiais "deram com os burros água", encontrou o caminho aberto para um comando na "Northwest African Air Force" e no "Mediterranean Air Command" durante a guerra. Era responsável, diàriamente, pela sorte de milhares de aviões por êle enviados em missões na Europa e na África.

No fim da guerra permaneceu pouco tempo no comando da 2.ª Air Force, em Washington, sendo elevado vertiginosamente aos mais altos postos. Tornou-se nesse tempo, Outubro de 1947, o mais jovem general em tôda a história dos Estados Unidos. Realizador em 1950, como também comandante-chefe do "Exército Swarmer" (destinado a provar que se pode executar tôda uma campanha militar, utilizando ùnicamente aviões), foi logo a seguir (1951) nomeado comandante-chefe das fôrças aéreas aliadas na Europa, na qual se tornou o supremo chefe militar.

Dentre as nações com as quais Norstad — homem sem complexos nem "casos íntimos" — se entenderá particularmente bem, destacam-se a Noruega e a Suécia. Seu avô, que foi para a terra de Tio Sam em 1873, era norueguês e casou-se com uma sueca. Seu pai, o reverendo Martin Norstad, era também louro como as espigas. Se o jovem general casou-se em 1935 com morena cem por cento americana, Isabelle Jenkins, sua filha, de 17 anos de idade, evoca por sua cabeleira dourada a heroína do romance (prêmio Nôbel) norueguês *Kristin Lavransdatter*. Ela se chama igualmente Kristin e atualmente termina seus estudos em Paris.

Na angústia da
desesperança,
no desespêro do
fim inevitável
. a tentativa derradeira
de negar a tragédia...
O rouxinol!... A cotovia!...
Qual seria realmente o
canto - qual seria realmente
o índicio?..

E Romeu tenta fazer viver uma
esperança moribunda
- enquanto Julieta chora a
crueldade de um destino inexorável...



Sob a direção musical do
Maestro ALCEU BOCCHINO
a Organização Victor Costa
sente-se honrada em apresentar

UMA NOITE NA ÓPERA

Radiofonização das mais belas
óperas, com apresentação integral
das árias mais célebres e
apreciadas.

Produção de Eurico Silva,
Mário Brasini e
Amaral Gurgel

SÁBADOS - 21.30 horas
Uma iniciativa da

RÁDIO MUNDIAL

**Apresentada sob os auspícios
de AMÉRICO AYRES & CIA.
Rua Carolina Meyer, 24**

Vinol

COMBATE A ANEMIA